

Federação das Indústrias
no Estado de Mato Grosso



Uma história de lutas e atitudes

Federação das Indústrias
no Estado de Mato Grosso

FIEMT

30 anos
1975 - 2005

Uma história de lutas e atitudes

FIEMT
SESI
SENAI
IEL

FIEMT

EXPEDIENTE

**Sistema Federação das Indústrias
no Estado de Mato Grosso**

Presidente (Licenciado): Alexandre H. C. Souza Furlan
Presidente: Nereu Luiz Pasini

Vice-presidentes:

Paulo Pereira Fiuza Filho
Helmut Hollatz
Edgar Teodoro Borges
Jandir José Milan
José Carlos Job
José Antonio de Mesquita
Carlos Avalone Júnior
Oscar Soares Martins
Mauro Mendes Ferreira

1º Secretário: Jorge Luiz Martins Defanti

2º Secretário: Luiz Antonio Martins Garcia

1º Tesoureiro: Heitor Trentin

2º Tesoureiro: Elias Correia Pedrozo

Diretores

Luiz Mauro Pinto Oliveira
Anildo Lima Barros
Liani Elidia Zeni
Piero Vincenzo Parini
Sidnei Ari Bellincanta
Edson Ari Hack
Marco Antonio Lorga

Diretores (Suplentes)

Marcionilio Macedo Neto
Cleverson Cabral
João Agripino da Silva
Eustáquio Machado Miranda
Cláudio José da Silva
Jairo Francisco Miotto Ferreira
Isaias de Oliveira
Sérgio Juster Zilling
Ademir Gallina
João de Souza Vieira Filho
Sidinei Aparecido Giraldelli
Clomir Bedin
Divino Gonçalves dos Santos
Wilmar José Franzner
Paulo Cabral de Moraes (*in memoriam*)
Júlio César Parreira Duarte
Cláudia de Oliveira Fagotti
Mauro Feronato
Edmilson Manoel Ettore de Queiroz
Gildo Mota da Silva
Marcos Brita
Elisângela Sanches F. de Andrade

Conselho Fiscal (Efetivos): Adilson Valera Ruiz, Cintia
Cristina Ticianeli e Luiz Carlos Rodrigues

Conselho Fiscal (Suplentes): Carlos Antonio B. Garcia,
Carlos Vitor Bona e João Carlos Baldasso

Delegados Representantes CNI (efetivos): Alexandre H. C.
Souza Furlan e Carlos Antonio de Borges Garcia

Delegados representantes CNI (suplentes): Anildo Lima
Barros e Nereu Luiz Pasini

Diretor Regional do SENAI-MT: Gilberto Gomes de
Figueiredo

Superintendente do SESI-MT: Luiz Augusto Moreira da
Silva

Superintendente da FIEMT e IEL-MT: Jorge dos Santos

Assessor Institucional da FIEMT: Eduardo B. Machry

Gerente Administrativo e Financeiro: Enéias Cavalcanti de
Carvalho

Coordenadora de Comunicação e Eventos do Sistema

FIEMT: Aline Fernandes

**Projeto desenvolvido pela Assessoria de Comunicação e
Eventos do Sistema FIEMT**

Pesquisa, Redação e Edição: Onofre Ribeiro

Revisão: João Mützenberg

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa: Aureliano Ramos,
Ricardo Sardinha e João Rodrigo Venuti

Fotografia: Mauro Panini, SECOM e Arquivo FIEMT

Apoio: Daniela Gonçalves (MKT- FIEMT)

Impressão: Gráfica Defanti

FIEMT.

FIEMT 30 Anos: Uma História de Lutas e Atitudes./
Federação das Indústrias do Estado de Mato Grosso.
Cuiabá: Gráfica Defanti, 2005.

1.FIEMT - História. 2.Indústria. 3.SENAI. 4.SESI
5.Processo Industrial.

CDU 65 (09)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	
Nereu Luiz Pasini	07
Alexandre Furlan	09
CARTA SINDICAL	11
COMEÇO	13
GALERIA DOS PRESIDENTES - Gestão e Filosofia	
Otacílio Borges Canavarros	15
Ari Wojcik	16
Carlos Antonio de Borges Garcia	17
Alexandre Furlan	18
Nereu Luiz Pasini	19
CAPÍTULO I	
FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS NO ESTADO DE MATO GROSSO	
Os primeiros anos	20
As primeiras causas	24
	25
CAPÍTULO II	
SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA	
Ações do SESI em Mato Grosso	26
	28
CAPÍTULO III	
SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL	
As unidades do SENAI-MT	30
Os projetos em Mato Grosso	32
	33
CAPÍTULO IV	
INSTITUTO EUVALDO LODI	34
CAPÍTULO V	
O PROCESSO INDUSTRIAL EM MATO GROSSO	
Desenvolvimento	36
Política - O meio indispensável	38
Amazônia - Luta pelo espaço regional	40
Infra-estrutura - Atitudes de defesa	42
Energia - Atitudes decisivas	43
Política Industrial	44
Questões Tributárias	46
Meio Ambiente - O paradigma	47
Política Florestal	48
Indústria Madeireira	49
Integração Sul-Americana	50
Agroindústrias - Pioneirismo	52
Construção Civil	53
Indústria Moveleira - Competitividade	54
Indústria do Vestuário - Modernização	55
Segurança no Trabalho	55
Exportações - A consolidação	56
	57
MÉRITO INDUSTRIAL JÚLIO MÜLLER	58
ANEXOS	
Diretorias da FIEMT de 1976 a 2005	60
Conselhos Temáticos e Sindicatos filiados	64

APRESENTAÇÃO

Um olhar para os 30 anos da Federação das Indústrias no Estado de Mato Grosso revela uma trajetória de lutas e de atitudes como sugere o título deste livro.

Homens com ideais e antevisão futurista iniciaram movimentos a partir da inquietação que o seu tempo lhes impunha.

Quebraram o imobilismo e construíram um movimento de pequenos empresários que cresceu vencendo dificuldades legais, técnicas, políticas e até mesmo a incompreensão de muitos.

O resultado de sua luta está inscrito na História de Mato Grosso.

Nesta oportunidade, gostaria de deixar registrado com a mais absoluta convicção: o desenvolvimento de Mato Grosso não teria sido o mesmo se não fosse a luta de um grupo de empresários pioneiros que se somaram nas quatro gestões anteriores à minha na Federação das Indústrias.

Tampouco, se a FIEMT não existisse, Mato Grosso teria alcançado os níveis de desenvolvimento que alcançou.

Sou o primeiro presidente vindo do interior do Estado e originário do setor madeireiro, um dos mais significativos dentro do Sistema FIEMT.

Pela circunstância do licenciamento do presidente Alexandre Furlan, tive a oportunidade de presidir a Federação das Indústrias a partir de janeiro de 2003.

A presidência deu-me uma visão do conjunto da economia, da sociedade, do presente e do futuro de Mato Grosso. Por isso, quando concluir esta minha passagem, levarei a certeza de ter feito o possível e de ter convivido com companheiros e companheiras da diretoria, dos sindicatos e dos quadros funcionais da FIEMT, do SENAI, do SESI e do IEL, do mais alto espírito de luta e de compromissos com Mato Grosso.

Rogo a Deus que mantenha cada vez mais aceso esse farol que é a Federação das Indústrias no Estado de Mato Grosso.

Nereu Luiz Pasini
Presidente

APRESENTAÇÃO

Minha vivência dentro da Federação das Indústrias no Estado de Mato Grosso começou em 1987. Em 2000, cheguei à presidência com o apoio do presidente Carlos Antonio de Borges Garcia e de sua diretoria.

Encontrei um patrimônio de responsabilidades para conduzir. Pela presidência passaram antes de mim homens da envergadura de Otacílio Borges Canavarros, Ari Wojcik, Carlos Antonio de Borges Garcia, secundados por diretorias compostas de homens e mulheres comprometidos com o seu tempo e com o futuro de Mato Grosso.

Em 2003, afastei-me da presidência para desempenhar a função de secretário de Indústria, Comércio, Minas e Energia no governo do Estado. Convoquei o 1º vice-presidente Nereu Pasini para substituir-me e lhe passei pesados encargos, que ele desempenha com o seu habitual equilíbrio.

A FIEMT continuou trilhando o seu caminho consolidado na História de Mato Grosso, ora como interlocutora, ora como agente na linha de frente dos desafios, ora como crítica e ora como produtora de idéias, de teses e de projetos.

Este livro comemorativo faz um amplo resgate das lutas e das atitudes da Federação das Indústrias nos seus primeiros 30 anos de vida. Não seria exagero algum reconhecer que sem a sua existência, Mato Grosso não teria alcançado os estágios de desenvolvimento econômico, social, político e empresarial que hoje desfruta na região Centro-Oeste e no Brasil.

Olho, porém, o futuro e enxergo nele novas lutas e novas atitudes sob os desafios de novos tempos. Vejo cenários para a ousadia em busca de investimentos que financiem o desenvolvimento dos nossos imensos potenciais. Vejo o desafio de transformar o meio ambiente em alavanca propositiva de novos paradigmas econômicos. Vejo a distribuição de renda como equação social, a defesa fitossanitária como norma ambiental, e a agregação de valor como mérito à nossa produção primária.

Agradeço muito a Deus por dar-me a oportunidade de construir parte da minha vida nesta extraordinária Casa chamada Federação das Indústrias.

Alexandre Furlan
Presidente Licenciado



CARTA SINDICAL

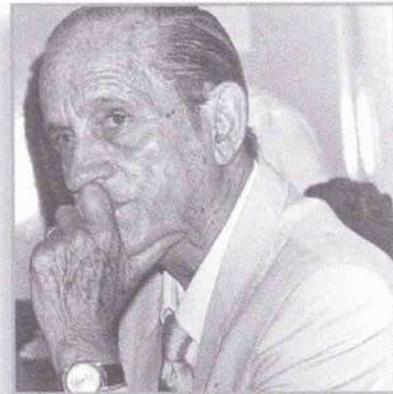
*Ministério do Trabalho.
Carta Sindical da FIEMT.*

O Ministro de Estado do Trabalho

Faz saber a quantos esta Carta virem que, atendendo ao que requereu a "FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE MATO GROSSO", constituída pelos Sindicatos "DAS INDÚSTRIAS DA CONSTRUÇÃO E DO MOBILIÁRIO DE CUIABÁ", "DA INDÚSTRIA DA PANIFICAÇÃO E CONFEITARIA DE CUIABÁ", "DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTAÇÃO DE CUIABÁ", "DAS INDÚSTRIAS GRÁFICAS DE CUIABÁ" E "DA INDÚSTRIA DE ALIMENTAÇÃO DE CORUMBÁ", no Estado de Mato Grosso resolve aprovar o respectivo estatuto e reconhecer, de acordo com o regime instituído pela Consolidação das Leis do Trabalho, a Federação das Indústrias no Estado de Mato Grosso como entidade coordenadora dos interesses das categorias econômicas compreendidas no "1º grupo indústria da alimentação", "3º grupo indústrias da construção e do mobiliário" e "12º grupo indústrias gráficas", do plano da Confederação Nacional da Indústria na base territorial do Estado de Mato Grosso com sede em Cuiabá, no Estado de Mato Grosso.

E, para firmeza, mandou passar a presente Carta, que vai por ele assinada.

*Brasília, 5 de maio de 1976.
Jorge Alberto Furtado*



A ousadia, como diz Otacílio, 'gerou a FIEMT'. Mais que a ousadia, acrescentamos nós, contribuiu para o êxito da arrojada empresa o senso de oportunidade. Quando é longa a jornada a empreender, segundo provérbio chinês, o importante é 'dar o primeiro passo'. Foi o que fez o jovem líder que surgia no cenário do incipiente sindicalismo matogrossense. Daí para a frente, a conquista de espaço através não de inseqüentes e intermináveis reuniões, como acontece muitas vezes, mas de um verdadeiro fórum de permanentes debates com o Ministério do Trabalho, empresários interessados num avanço no terreno do sindicalismo, articulações aqui, em Brasília e no Rio de Janeiro com a Confederação Nacional da Indústria, foram a meta perseguida por Otacílio.

*(...) Outro desafio que teve Otacílio a enfrentar foi, à época, o clima de ceticismo de um povo abandonado por mais de duzentos anos; a paralisação, há mais de cinquenta, nas barrancas do rio Paraná, dos trilhos da E.F. Araraquarense tendo Cuiabá como meta final; o insucesso de indústrias, em fase de projetos ou de implantação, por falta de qualquer apoio dos órgãos públicos; a inércia, quando não a burocracia, dificultando tudo quanto fugisse à rotina, tudo isso e mais a resistência, em desfavoráveis circunstâncias históricas, em plena fase da campanha pela divisão do estado, do Sul, que considerava uma ameaça de virem para Cuiabá, com a criação da Federação, as unidades do conglomerado do SESI-SENAI localizadas em Campo Grande, constituíam o conjunto de fatores negativos que mantinham Mato Grosso, até então, como único Estado do Brasil onde não fora possível a indústria se organizar social e juridicamente, em unidade federada.**

Archimedes Pereira Lima, empresário industrial, membro da Academia Matogrossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, por ocasião do 13º aniversário da FIEMT, em 1988.

**(Texto transcrito conforme original de 1988)*

COMEÇO

A história da Federação das Indústrias no Estado de Mato Grosso confunde-se com a história do sindicalismo no Estado e com o próprio processo de industrialização que, gradativamente, assume maiores dimensões e fortalece sua participação na economia local, cujo perfil, até bem pouco tempo, delineava-se unicamente com base no extrativismo e na agropecuária.

A história da FIEMT é a história da perseverança dos empresários industriais que, convivendo com as dificuldades provocadas pelo isolamento a que o Estado esteve relegado durante muitos anos, não se intimidaram e, lançando mão da coragem e da persistência, foram em busca da estrutura de que precisavam para fazer movimentar suas máquinas.

Essa ousadia gerou a FIEMT.



*Cuiabá, 25 de novembro de 1988.
Engenheiro Otacílio Borges Canavarros
Presidente da FIEMT*

GALERIA DOS PRESIDENTES

Gestão e Filosofia





**Engenheiro Químico
com especializações,
mestrado e
doutorado.
Professor da
Universidade Federal
de Mato Grosso e
empresário.
Presidente da
Federação das
Indústrias entre 1975
e 1988.**

Otacílio Borges Canavarros

1975 e 1988

A Federação foi uma alavanca que colocamos no pé do Estado para começar o processo de industrialização. O símbolo inicial da FIEMT não era a chaminé. Era a bigorna, que foi o primeiro instrumento no qual o homem batia o ferro quente para produzir os instrumentos. Com o simbolismo da bigorna começou o processo industrial.

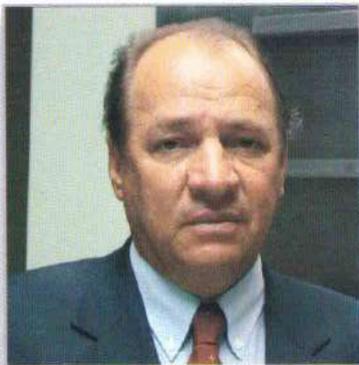
Ela atuou nos obstáculos e nas barreiras como a energia, transportes, questões tributárias e incentivos. A primeira gestão iniciou esse trabalho e ele foi crescente, cada sucessor fazendo a sua parte até a expressiva agroindústria de agora e os atuais investimentos no Estado em todos os campos. A solução energética foi resolvida depois da privatização de energia elétrica eliminando o maior entrave.

A Federação nasceu de uma antevisão de pequeno grupo de jovens e poucos empresários, a partir de 1966, de que Mato Grosso precisava se industrializar. A luta pela sua criação foi longa, sofrida e de convencimento. Com dificuldades criamos associações profissionais e sindicatos no Norte e no Sul do Estado até chegar em 1975 à Federação.

Os anos seguintes foram de luta pelo desenvolvimento e pela infra-estrutura. A energia elétrica era o maior empecilho, mas faltavam do crédito à cultura industrial. A FIEMT pôs a mão em praticamente todas as ações de desenvolvimento no Estado, quando não era ela quem as liderava.

Implantamos o SESI, o SENAI e o IEL com fins específicos de dar suporte à filosofia industrial.

Hoje, vencidos aqueles duros tempos pioneiros e de sonhos, vemos Mato Grosso muito avançado no tempo. Tanto, que no futuro, mais uma vez antevejo Mato Grosso como um dos cinco mais ricos estados brasileiros, por suas potencialidades, recursos naturais e posicionamento geográfico.



Ari Wojcik

1988 a 1994

Advogado e Especialista em Análise de Projetos e Sistemas de Informática. Empresário e presidente da Federação das Indústrias entre 1988 e 1994.

No início da gestão, o problema energético continuava crucial, apesar de gestões junto aos presidentes da República José Sarney e Fernando Collor de Mello para a retomada das obras paralisadas da Usina de Manso.

Outra bandeira para alavancar a indústria no Estado era a criação dos incentivos fiscais, que esbarravam na incompreensão governamental. Foi preciso quebrar, degrau por degrau em sucessivos governos, a cultura de que é melhor ter 30% de alguma coisa do que 100% de nada. Se a questão tivesse sido compreendida na época, de que incentivo não é nocivo, e resolvida antes, o processo industrial de Mato Grosso teria sido muito mais veloz.

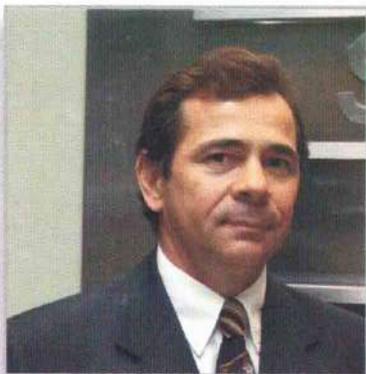
Outros estados da região Centro-Oeste avançaram muito mais que Mato Grosso.

Faltou-nos ousadia. Poderíamos ter atraído investimentos em muitas áreas. Contudo, a FIEMT praticamente determinava o ritmo de crescimento do Estado. Em nossa gestão, conseguimos aprovar o projeto e os recursos iniciais para o Centro de Eventos do Pantanal, porque já não se justificava a falta de um espaço para os grandes eventos do Estado.

Os sindicatos filiados saltaram de 13 para 24, revelando novos perfis industriais no Estado. Preocupava-se já com uma possível perda dos recursos compulsórios do SESI e SENAI, criando, então, condições de sustentabilidade com iniciativas como o programa SESIVida.

Sugerimos o sistema de reeleição para um só mandato na FIEMT, aprovado e em vigor.

Assim como desde o seu começo, a Federação terá sempre importante e crescente responsabilidade de articulação dos interesses da indústria, além de agir institucionalmente e provocar situações novas sempre que for exigida.



Carlos Antonio de Borges Garcia

1994 a 2000

**Administrador de
empresas.
Empresário e
presidente da
Federação das
Indústrias entre 1994
e 2000.**

O problema energético continuava apesar de todas as gestões da Federação. Em 1995, promovemos o 1º Seminário sobre Energia Elétrica, com autoridades federais, onde se falou sobre retomada das obras de Manso, de linhões, de gás natural e de pequenas hidrelétricas. No fim de meu segundo mandato, Manso estava praticamente concluída.

Propusemos uma política industrial para o Estado, que resultou na criação de programas de incentivo para a madeira, o couro, o leite e o algodão aproveitados pelo governo estadual e que deram excelentes resultados.

A Federação realizou inúmeros seminários, workshops e congressos com vistas a disseminar as informações técnicas para a sociedade mato-grossense. Deu-se início ao esforço de integração sul-americana com duas caravanas de empresários e gestores públicos para aproximar dois grandes mercados com interesses comuns.

O futuro de Mato Grosso estará sempre muito ligado às suas potencialidades de recursos naturais, sua posição geográfica e da atração de novos investimentos, que precisam de mais agressividade. Não podemos nos esquecer do reflorestamento, que poderá gerar indústria de celulose ou fábricas de MDF, por exemplo, aproveitando as disponibilidades de área e de clima. O desenvolvimento do Norte e do Centro-Oeste passará necessariamente por Mato Grosso.

A Federação também precisa ser mais agressiva nesse campo. Aquela fase da infra-estrutura já passou, agora é para a frente, com atração de tecnologias de ponta, para termos um crescimento efetivo.

Ressalto, que preocupa-me profundamente o empobrecimento da Baixada Cuiabana, para a qual poderiam se desenvolver, a partir da represa de Manso, programas de desenvolvimento voltados para pequenos agricultores e com o uso de tecnologias, como no rio São Francisco, no Nordeste.

Alexandre H. C. de Souza Furlan

2000 a 2006 (*)



Na verdade, o que nós sentíamos era que entramos num novo ciclo, que ia além da representação institucional e da efetiva participação em todas as grandes discussões que envolviam Mato Grosso, como as deficiências de infra-estrutura, no campo da qualificação profissional. Procuramos focar também na profissionalização interna, para termos as pessoas adequadas nos postos-chaves da Federação, para que mudássemos também o nosso modelo de gestão, adequando-o à modernidade.

Transformar a ação da Federação em proponente mais do que reativa para enfrentar os desafios ainda existentes e os novos que surgem e ser agente das mudanças.

Para os próximos anos, vejo com crescente clareza a necessidade de profissionalização e de maior agressividade positiva de que a FIEMT seja a fomentadora de idéias e de discursos. Já participamos da elaboração de projetos para uma política industrial de Mato Grosso. Não pode ser esquecido que somos atores principais nos processos de mudança, e não coadjuvantes.

Não creio em muitas transformações, mas na sedimentação desse segundo ciclo agroindustrial, com projetos chegando ao Estado nessa linha, como o próprio projeto da Sadia, revela a agregação de valor às nossas matérias-primas primárias.

Mas acredito que nos próximos anos, se queremos ser líderes, temos que pensar também em reformas indispensáveis, na mudança da estrutura sindical, trabalhista, tributária, política.

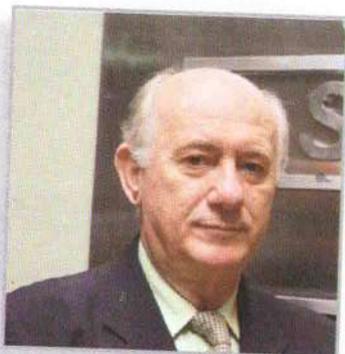
Em relação ao futuro, vejo em Mato Grosso nos próximos dez anos com preocupações fitossanitárias, já que trabalhamos muito na questão das carnes, e a questão ambiental como preocupação fundamental, para não perdermos de vista o nosso grande potencial de grandes produtores de madeira para o mundo.

Se pudesse fazer uma síntese, vejo um Estado que tem tudo para crescer e se desenvolver, com a responsabilidade de caminharmos convergentes, setores público e privado, e a gente não se perca no caminho.

(*) Eleito para o triênio 2000 a 2003 e reeleito para o triênio 2003 a 2006. Licenciado da presidência a partir de 2003 para ocupar o cargo de Secretário de Indústria, Comércio, Minas e Energia no Governo de Mato Grosso.

**Advogado,
Administrador de
Empresas e
empresário.**

**Presidente da Federação
das Indústrias nas duas
gestões de 2000 a 2006**



**Economista e
empresário.**

**Presidente da Federação
das Indústrias entre
2003 e 2005 (*)**

Nereu Luiz Pasini

2003 a 2005 (*)

A Federação sempre teve um papel importante na articulação dos interesses de Mato Grosso e de todos os setores da economia. Foi importante o fortalecimento dos sindicatos que compõem a base da Federação, o fortalecimento do SENAI, do SESI e do IEL, estes acompanhando o crescimento do Estado, presentes antes até mesmo do próprio Estado atual.

A presença das unidades no interior mostra o interesse da Federação em desenvolver o setor industrial para que ele desempenhe o seu papel. Importante tem sido a defesa institucional de todos os segmentos que fazem parte da Federação, a intermediação com o governo para resolver os problemas do segmento.

Desde sua criação, a Federação só cresceu. Cada presidente teve uma peculiaridade, consolidando-a até os dias de hoje perante a sociedade, o governo, a opinião pública e mostrando que foi eficiente.

Fui o único presidente que veio do interior do Estado, mas movido pela vontade de acertar. Com simplicidade pudemos resolver os problemas que nos apresentaram nesse período. Dei a minha contribuição com amor por Mato Grosso, mesmo não sendo mato-grossense, mas foi aqui que criei os meus filhos, formei o patrimônio e onde vivi parte de minha vida.

O principal momento de minha administração, e isso considero como o mais importante, foi a integração da base da Federação consolidada com atenção especial para os sindicatos de forma a se sentirem importantes e valorizados.

Outra dedicação especial foi com as três entidades do Sistema, para se expandirem e realizarem ainda mais a sua função dentro da economia e da sociedade do Estado.

Enfrentei a crise grande da madeira, a FIEMT atuando como agente ativo, principalmente na transição das atribuições do governo federal para o governo estadual. Participamos da elaboração das normas, não só como contestadores e críticos, mas para quando ficarem prontas sejam aceitas pelo setor produtivo.

(*) 1º Vice-presidente empossado a partir de 2003

CAPÍTULO I

DAS **FEDERAÇÃO** **INDÚSTRIAS** NO ESTADO DE **MATO GROSSO**

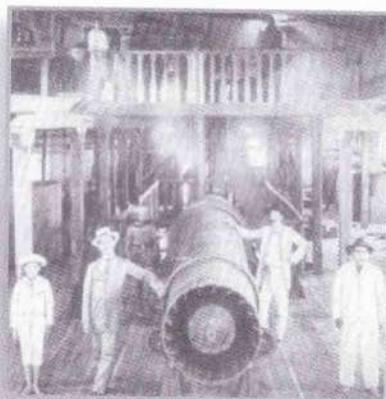
FIEMT

O marco inicial da Federação das Indústrias no Estado de Mato Grosso foi a constituição da Associação Profissional das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Cuiabá - transformada em sindicato e reconhecido pelo Ministério do Trabalho, em 5 de outubro de 1971 - por um grupo de empresários munidos de fé e coragem, liderado pelo engenheiro Otacílio Borges Canavarros.

Os panificadores foram a segunda categoria do meio industrial a fundar uma associação e transformá-la em sindicato. Em 16 de julho de 1974, deu-se o reconhecimento do Sindicato das Indústrias da Panificação e Confeitaria de Cuiabá.

Em 21 de março e 31 de março de 1975, respectivamente, duas Cartas Sindicais foram assinadas pelo Ministério do Trabalho para os sindicatos das Indústrias de Alimentação de Cuiabá e das Indústrias Gráficas de Cuiabá.

Conforme a lei, os quatro sindicatos existentes, até então, não eram suficientes para constituir uma Federação. Era necessário criar mais um. E, num esforço das indústrias e das lideranças industriais, foi criada a Associação Profissional das Indústrias de Alimentação de Corumbá, reconhecida oficialmente em 19 de maio de 1975, e hoje jurisdicionada à Federação das Indústrias de Mato Grosso do Sul. Finalmente, os tantos anos de luta foram coroados pelo reconhecimento da FIEMT, constituída em Assembléia Geral realizada em 25 de novembro de 1975, cuja Carta Sindical foi expedida em 5 de maio de 1976.



Eleição da primeira Diretoria da FIEMT



Aos vinte e cinco de novembro de 1975, reunidos em Assembléia Geral realizada às 19:30 horas, no Salão de Reunião da Associação Comercial de Cuiabá, Sito à Rua Galdino Pimentel n° 14, em Cuiabá Capital do Estado de Mato Grosso, conforme editais de convocação publicados nos jornais "O Estado de Mato Grosso" no dia 05 (cinco), 06 (seis) e 08 (oito) de novembro de 1975, reuniram-se os Delegados dos Sindicatos das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Cuiabá, da Alimentação de Cuiabá, de Panificação e Confeitaria de Cuiabá, Gráfica de Cuiabá e Alimentação de Corumbá para deliberarem sobre a seguinte Ordem do Dia:

- A) Conveniência de ser fundada a Federação das Indústrias no Estado de Mato Grosso;
- B) Discussão e aprovação dos Estatutos Sociais;
- C) Valor da contribuição que as Entidades filiadas subvencionarão à respectiva Federação;
- D) Eleição de uma diretoria provisória.

Os trabalhos foram abertos pelo presidente do sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Cuiabá.

Posse da primeira Diretoria da FIEMT, na Assembléia Legislativa de Mato Grosso, com a presença do Ministro do Trabalho, Arnaldo Prieto.



Presidiram os sindicatos em seus primeiros anos os empresários Públio Paes de Barros, das Indústrias Gráficas, Moulard Herculano da Costa, das Indústrias de Alimentação, João Barbuíno Curvo Neto, das Indústrias da Construção e do Mobiliário, Delvayr Bottura, das Indústrias de Panificação, e Luiz Piassa Sobrinho, das Indústrias de Alimentação de Corumbá.

O presidente Otacílio Borges Canavarros conceituava, na época, o grande fato histórico que estava se concretizando:

O setor industrial mato-grossense, crescendo estruturado e coeso, com o objetivo único de desenvolvimento, está perfeitamente consciente de sua posição e disposto a assumir uma participação mais ativa na formulação das diretrizes econômicas, sociais e políticas de sua terra.

Histórias pitorescas não faltaram durante a criação da FIENT. O presidente Otacílio Borges Canavarros lembra quantos desafios precisaram enfrentar:

Por recomendação da CNI, alugamos uma sala na Avenida da Prainha, que se transformou em nosso 'quartel-general'. Um dia, eu me lembro como se fosse hoje, o nosso 'QG' recebeu a visita de um agente da Polícia Federal que, solicitando informações detalhadas, ameaçou fechar o local. Explicamos que se tratava de um grupo idealista que pretendia criar uma Federação das Indústrias em Mato Grosso. A habilidade nos permitiu evitar problemas e, ainda mais: ganhamos, no agente, um amigo. Assim mesmo o susto foi grande. Polícia Federal naquele tempo...

O dia 29 de novembro de 1976 marcou época para os industriais mato-grossenses. Nessa data, foi empossada a primeira diretoria da Federação das Indústrias no Estado de Mato Grosso. Em grande festa, deu-se a posse dos diretores, na presença do ministro do Trabalho, Arnaldo Prieto. Havia um entendimento na histórica capital de Mato Grosso de que, naquele momento, dava-se um passo importante na direção do desenvolvimento industrial.

Na realidade, era esse mesmo o papel da FIENT. Havia um clima trepidante de desenvolvimento no Estado com a recente criação da Universidade Federal, com a pavimentação das rodovias BR-163 e BR-364 interligando o Sul e o Sudeste, e a chegada do primeiro linha de energia elétrica desde Cachoeira Dourada, em Goiás.

Os programas federais de desenvolvimento, como o Programa de Desenvolvimento dos Cerrados - Polocentro, que pretendia incorporar um milhão de hectares de terras improdutivas ao sistema de produção nacional, e com a ocupação dos cerrados, abria-se um clima à economia da agropecuária que, certamente, desaguardaria na industrialização. A agricultura de subsistência histórica entraria no ciclo intensivo, e a pecuária pantaneira subiria para as terras altas dos cerrados em pastagens cultivadas.

Os horizontes eram de pura transformação.

A Federação das Indústrias nascia antecipando-se ao novo ciclo econômico de Mato Grosso. Seu papel seria o de interlocutora junto aos setores públicos estadual e federal, para buscar as oportunidades e transformá-las em política industrial. Sem contar que os empresários regionais e nacionais interessados em investimentos industriais teriam um órgão de consulta e de articulação.



Governador José García Neto (esquerda) visita a FIEMT. Foi a primeira visita de um governador.



Inauguração da unidade do SENAI, "João Baptista de Almeida Filho", em Várzea Grande, com a presença do Ministro do Trabalho Arnaldo Prieto e do Governador de Mato Grosso, Cássio Leite de Barros em 09/02/1979.



OS PRIMEIROS ANOS

A partir do reconhecimento da Federação das Indústrias, os empresários tomaram também ao seu encargo a responsabilidade de gerir as unidades do Serviço Social da Indústria - SESI e do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI, em operação no Estado, até então administradas pelos respectivos Departamentos Nacionais. As unidades do SESI localizavam-se em Cuiabá, Campo Grande, Corumbá e Três Lagoas. Em Campo Grande e Corumbá, as do SENAI. Uma das primeiras providências tomadas foi a implantação de Conselhos Regionais, órgãos normativos aos quais competem coordenar as atividades executadas pelos departamentos regionais.

Em 29 de outubro de 1976, foi instalado o Conselho Regional do SESI-MT, presidido por Otacílio Borges Canavarros e tendo como membros efetivos: Milton Villela Vieira, João Barbuíno Curvo Neto e José Eduardo Guimarães; Francisco Salmario Soares Cavalcanti, Delvayr Bottura e Bruno Bianchi como membros suplentes; Fernando Rogério de Borges Garcia, como representante do Governo do Estado, e João Bem Dias de Moura Filho, representado o Ministério do Trabalho.

Também sob a presidência de Otacílio Borges Canavarros, o Conselho Regional do SENAI foi instalado em 7 de janeiro de 1977, e empossados: Afrânio Fialho de Figueiredo, como diretor regional do SENAI; Salvador Albuquerque Nunes, Alfredo Fernandes e Daniel Santos, como representantes das atividades industriais; Edna Maria Albuquerque Affi, representante do Ministério de Educação e Cultura; e Gabriel Garcia Lopes, representante do Ministério do Trabalho.

Além de ativar a ação dos núcleos já existentes, a

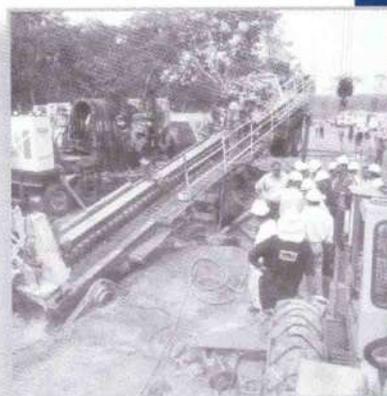
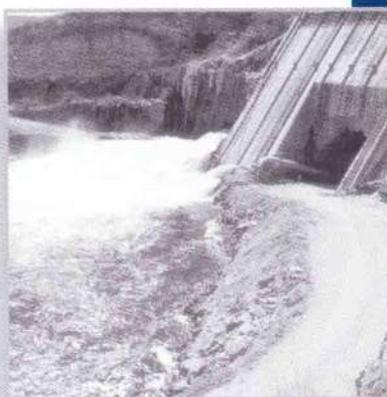
FIEMT começou estudar a implantação de novas unidades do SESI e do SENAI, viabilizando-as a partir da fixação dos pólos industriais. A região de Rondonópolis foi a primeira a se beneficiar do atendimento do SESI, através de uma unidade operacional que entrou em funcionamento em janeiro de 1978. Um ano depois, foram iniciadas as atividades dos núcleos de Cáceres e Barra do Garças e, em 1980, em Sinop.

O SENAI, por sua vez, passou a estender sua ação ao interior do Estado a partir de 1978, através de centros móveis de treinamento, implantados inicialmente em Rondonópolis e Barra do Garças.

Com a atuação do SESI e SENAI em Mato Grosso, a FIEMT iniciou um trabalho de entrosamento da indústria com as instituições de ensino, efetivando suas ações a partir da implantação do Instituto Euvaldo Lodi - Núcleo Regional de Mato Grosso, instalado oficialmente em 28 de setembro de 1978. Do primeiro Conselho Diretor do órgão, participaram os empresários Otacílio Borges Canavarros, João Barbuíno Curvo Neto, Salvador Albuquerque Nunes (efetivos), Ivo Cuiabano Scaff e Gabriel Garcia Lopes.

Em 1980, o sistema FIEMT já estava em plena operação no Estado, com o SESI-MT, SENAI-MT e IEL-MT, todos voltados para a assistência e o desenvolvimento da indústria em Mato Grosso. Assim, o SENAI, por meio de cursos e estudos, buscava sanar a deficiência da mão-de-obra, de que se queixavam os empresários locais. O SESI, com as questões relacionadas à saúde e educação do trabalhador. A FIEMT, através do CAMPI-MT e do Centro de Assistência Sindical, prestava assistência às indústrias existentes no Estado. E o IEL oferecia prestação de serviços na área de estágios.

AS PRIMEIRAS CAUSAS



No ambiente pioneiro dos anos 1970 e 1980, a FIENT tinha pela frente reivindicações de grande porte. O desenvolvimento se avizinhava, Mato Grosso fora dividido, tendo separada a sua região Sul.

Portanto, as necessidades previstas na sua criação eram agora prementes.

Em 1985 se questionava a falta de infra-estrutura de transportes e de energia. As fronteiras agrícolas avançavam com a migração intensa e requeriam apoio, pressionando o Estado. A FIENT cobrava apoio diferenciado para Mato Grosso 'em caráter compensatório às economias regionais'.

Defendia um programa energético estadual diante do possível colapso a partir de 1986, como de fato, ocorreu. O consumo energético crescia 20% e, embora consumisse 1,2 milhão mensais de óleo diesel, a Centrais Elétricas Mato-grossenses S/A - Cemat, não respondia à demanda.

A FIENT defendia a terceira linha de transmissão desde Cachoeira Dourada, com 800 km, a Usina de Manso, para atender ao sistema interligado Sul; as usinas de Apiacás e Caiabis, no Norte, e a pavimentação das rodovias federais BR-163, no trecho Sinop/Cachimbo (divisa com Pará), BR-158, entre Barra do Garças a São Félix do Araguaia, e BR-070, entre Barra do Garças e entroncamento das BRs 163 e 364, próximo a Cuiabá.

Foi decisiva a participação da FIENT no equacionamento dos problemas pertinentes à indústria em toda a sua história. Teve marcante atuação nos principais momentos e nos eventos mais importantes da história recente de Mato Grosso.

Não seria exagero afirmar que foi a precursora na discussão dos grandes temas mato-grossenses desde a sua criação.

CAPÍTULO II



SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA

SESI-MT

Criado pela Confederação Nacional da Indústria em 1º de julho de 1946, pelo então presidente da República, o mato-grossense Eurico Gaspar Dutra, o Serviço Social da Indústria - Sesi, nasceu com o papel de estudar, planejar e executar medidas que contribuam diretamente para o bem-estar social dos trabalhadores na indústria e nas atividades assemelhadas, concorrendo para a melhoria do padrão de vida no país, e para o aperfeiçoamento moral e cívico, além do desenvolvimento do espírito de solidariedade entre as classes.

Dom Antonio Capelo Aragão foi o primeiro delegado do Sesi em Mato Grosso desde a criação, e substituído pela Isabela Costa, e posteriormente por Raul José de Carvalho. A partir de 1977, com o surgimento da Federação das Indústrias no Estado de Mato Grosso - FIEMT, instalou-se o Departamento Regional.

Sergio Pascoli Romani, ex-superintendente do Sesi, que acompanhou toda a trajetória de instalação da Instituição no Estado lembra bem os motivos e as dificuldades daquela época:

O Sesi foi um dos motivos que levaram o engenheiro Otacílio Borges Canavarros a criar a Federação das Indústrias em Mato Grosso, com o objetivo de atender à população mais humilde do Estado, e em face dos poucos recursos disponíveis em Mato Grosso. Além disso, o Sesi que existia no Estado ainda não dividido para criar Mato Grosso do Sul - era administrado pelo Departamento Nacional, que tinha delegados em Cuiabá, Campo Grande, Corumbá, Três Lagoas. Eram eles quem definiam o que fazer pelo Estado.

A partir do relatório dessa situação, Otacílio Borges Canavarros lutou pela criação do Departamento Regional em Mato Grosso. A principal preocupação da FIEMT foi dotar Cuiabá de uma unidade com prestação de serviços mais amplos. A primeira unidade do Sesi em Mato Grosso foi o Centro de Atividades Eurico Gaspar Dutra, em Várzea Grande em área doada pelo então prefeito Júlio Campos.

O processo de expansão do Sesi em Mato Grosso baseou-se na política de industrialização do governador José Garcia Neto, que definiu pólos de industrialização no Sul, e no Norte do Estado. E na época, ainda faltavam unidades em Cuiabá, Rondonópolis, Cáceres e Barra do Garças. As atividades começaram nas três últimas cidades com prédios alugados, realizando atendimento médico e fazendo convênios. Depois de consolidado o Sesi na região, a construção da sede própria foi o próximo passo.

Em Rondonópolis, o Lions Clube doou uma área próxima ao distrito industrial da cidade para o Sesi. Em Barra do Garças, havia poucas áreas disponíveis para abrigar Sesi e SENAI. Em Cáceres, obteve-se a doação do terreno, porém mais tarde mudou para um lugar melhor localizado.



Em Sinop, o Sesi e o Senai chegaram antes que a indústria surgisse no município. O Senai foi construído primeiro, em seguida veio o Sesi, ambos com o apoio do empresário Ênio Pipino, da Colonizadora Sinop. Em homenagem à doação das áreas, a Unidade do Senai foi contemplada com o nome Nilza Pipino, esposa do colonizador.

Quando Otacílio Borges Canavarros deixou a presidência, assumiu Ari Wojcik. Com o seu pragmatismo característico, não foi uma gestão de construções, mas de consolidação de posições. Ele construiu o prédio anexo da Casa da Indústria.

No Sesi, o presidente Carlos Antonio de Borges Garcia, que o sucedeu, deu uma ênfase maior à parte de lazer, construindo a maioria dos clubes existentes atualmente.

Em 2004, com a inauguração do SesiPark, com recursos providos do Departamento Nacional, na gestão do presidente Alexandre Furlan (licenciado) e Nereu Pasini, a instituição se consolidou como entidade referência nas questões do lazer, cultura e entretenimento em Mato Grosso.

Na área da prestação de serviços de saúde, diante dos custos elevados de ter rede própria de laboratórios, o Sesi criou uma rede terceirizada de prestadores de serviços de saúde. Em seguida, criou-se o plano de saúde SesiVida, pioneiro no Brasil.

Atualmente, as atividades do Sesi estão calcadas nos alicerces: Educação, Saúde, Lazer e Responsabilidade Social. Com Unidades nos principais pólos econômicos do Estado, o Sesi se consolidou ao longo do tempo. O papel do Sesi foi trazer ao Estado e aos empresários a noção e a implantação de uma consciência social no setor.

AÇÕES DO SESI EM MATO GROSSO

Educação

Educação de Jovens e Adultos, com os programas 'Sesi por um Brasil Alfabetizado' e 'Educação do Trabalhador'

Educação de Crianças e Adolescentes, com as Unidades do SesiEscola em Cuiabá, Várzea Grande e Nobres

Educação Continuada

Lazer

Lazer na Empresa, com os programas 'Sesi Ginástica na Empresa', 'SesiPark Industrial'

Lazer no Clube, com atividades de esporte e lazer nas Unidades espalhadas pelo Estado

SesiPark, complexo de entretenimento, cultura e lazer localizado em Cuiabá

Responsabilidade Social

Cozinha Brasil - um caminhão itinerante que orienta na utilização racional dos alimentos

Ação Global - que em parceria com a Rede Globo, em todo o Brasil, propicia um dia de lazer, cidadania, saúde e educação à população carente

Prêmio Sesi de Qualidade no Trabalho - que reconhece as empresas com política de qualidade de vida do trabalhador

Consultoria em Responsabilidade Social

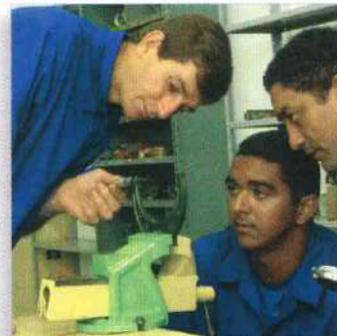
Saúde

Plano de Saúde: SesiVida Operacional e Plano Master

Unidades do SesiSaúde espalhadas pelo Estado
Programas na área de saúde e segurança, como o PCMSO, PPRA, PCSA e LTCAT.



CAPÍTULO III



DE SERVIÇO NACIONAL APRENDIZAGEM INDUSTRIAL

SENAI-MT

Criado em 22 de janeiro de 1942, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI surgiu para atender a uma necessidade premente: a formação de mão-de-obra para a incipiente indústria de base brasileira. Ao fim da década de 1950, o SENAI já estava presente em quase todo o território nacional e começava a buscar, no exterior, a formação para seus técnicos. Logo, tornou-se referência de inovação e qualidade na área de formação profissional, servindo de modelo para a criação de instituições similares na Venezuela, Chile, Argentina e Peru.

Desde a sua fundação, ocorrida em 1º de janeiro de 1977, a história do SENAI em Mato Grosso é também uma história de fé num futuro industrial que não parecia tão possível nos anos 70. O presidente Otacílio Borges Canavarros anteviu para o SENAI a

responsabilidade de preparar os recursos humanos para a futura indústria mato-grossense.

O SENAI já existia em Campo Grande, subordinado, porém, ao Departamento Nacional. Era imperativo construir uma unidade em Cuiabá. Os recursos foram obtidos a duras penas através do Banco Mundial-BIRD que financiava centros em vários Estados - porque Mato Grosso não era um Estado industrial e, por isso, não estava no foco de investimentos em unidades do SENAI.

Superado o impasse, em 1979 surgiu o 'Centro de Formação Profissional João Batista de Almeida Filho', em Várzea Grande. Funcionava para aprendizagem industrial, incluindo o curso de 1º grau paralelo. Os estudantes eram da capital e do interior, e recebiam bolsa de estudos.



Vieram em seguida as unidades do interior, a partir da década de 1980, obedecendo à política industrial do governo do Estado, que privilegiava quatro pólos: Cuiabá, Rondonópolis, Cáceres e Barra do Garças. Também mudaram os focos da aprendizagem. Nos pólos, a formação era adequada às necessidades de cada região. Em Cáceres, por exemplo, era o aprendizado em mecânica de autos, eletricidade e mecânica geral.

Em 1982, já surgiram as três primeiras unidades móveis, que eram rebocadas aos municípios em parceria com o 9º Batalhão de Engenharia e Construção, como contrapartida pelos treinamentos realizados com os seus soldados.

Outra solução surgiu mais tarde, diante do alto número de solicitações dos municípios: uma unidade móvel montada sobre um caminhão pequeno deslocava-se para os municípios e oferecia treinamentos necessários.

Em 1984, surgia a Unidade de Sinop, voltada para a educação na área madeireira, porque ali era o maior pólo estadual. Começou com cursos dirigidos à afiação e laminação de serras e de soldagem.

Sinop já tinha posição consolidada na área da madeira e queria um Centro de Tecnologia, que acabou sendo adequado por meio de financiamento do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento-PNUD, através de técnicos vindos do exterior para ministrar disciplinas técnicas. Era um projeto caro que resultou em excelentes profissionais para a atividade madeireira na região Norte do Estado.

O Sindicato das Indústrias Madeireiras do Norte de Mato Grosso - Sindusmad sempre foi muito atuante e teve grande participação nas ações do SENAI na região. Houve também, em 1992, um projeto com financiamento do Canadá para a região com o mesmo fim de preparar recursos humanos.

A partir de 2002, o foco deu-se na modernização de estrutura e layout das unidades operacionais do SENAI, em parceria com prefeituras municipais, começando pela unidade de Tangará da Serra, inauguração de Unidades em Primavera do Leste e Lucas do Rio Verde, demandas originadas da própria sociedade.

Em 2005, duas cidades receberam ampliações em suas unidades, com recursos originados do SENAI Nacional: em Sinop, a nova sede pode ser considerada um dos mais modernos centros de educação profissional de Mato Grosso; e em Rondonópolis a ampliação com a construção de um novo pavilhão, de 1.400 metros quadrados, possibilitou o incremento na oferta de cursos para o setor agroindustrial e da Escola de Beneficiamento de Algodão, a primeira da América Latina.

No Programa de Ações Móveis, a aquisição da Escola de Informática e Multiuso do SENAI, ocorrida em 2005, possibilitou a ampliação no oferecimento de cursos, principalmente onde não existam unidades operacionais da Instituição.

O SENAI-MT reforçou sua posição de referencial na formação de profissionais para o mercado de trabalho, com a certificação, em dezembro de 2004, da norma NBR ISO 9001/2000, tornando-se a primeira e única instituição de educação profissional em Mato Grosso, certificada com padrões internacionais de qualidade.



As unidades do SENAI-MT

As Unidades do SENAI em Mato Grosso estão localizadas em 10 municípios distintos, atendendo às principais características da economia e do setor industrial local. Importante aliado da indústria em Mato Grosso, o SENAI apóia 21 áreas do setor por meio da educação profissional e prestação de serviços técnicos e tecnológicos.



Centro de Educação e Tecnologia
SENAI-FIEMTEC, em Cuiabá

Várzea Grande

Rondonópolis

Cáceres

Sinop

Barra do Garças

Juína

Tangará

Primavera do Leste

Lucas do Rio Verde

Núcleo de Tecnologias do Gás Natural, em Cuiabá

Unidade Modelo de Manejo Florestal - Escola de Floresta



Os projetos em Mato Grosso

PAS - Programa Alimentos Seguros

CFC - Centro de Formadores de Condutores

Escola de Beneficiamento de Algodão



Núcleo de Tecnologia do Gás Natural

Pré-Emprego

Açougue - Escola

Escola de Floresta Projeto Jamanchim

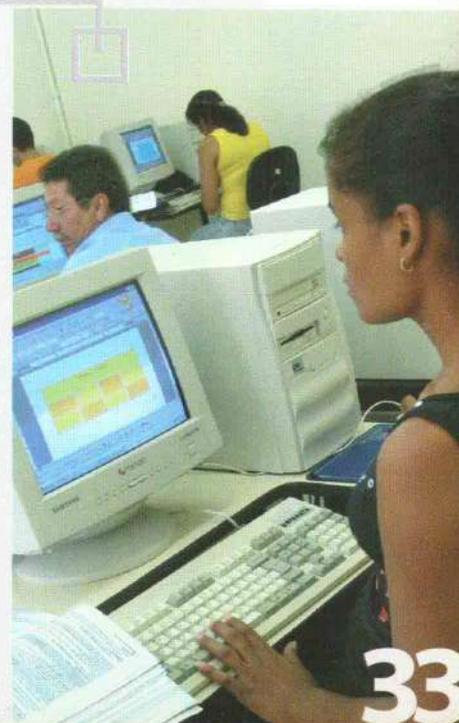
Programa Brasileiro da Qualidade e Produtividade do Habitat - PBQP-H

Programa a Indústria Faz a Hora

PAM - Programa de Ações Móveis

Projeto de Ações Inclusivas

SENAI Solidário



CAPÍTULO IV

INSTITUTO EUVALDO LODI

O Instituto Euvaldo Lodi - IEL surgiu em âmbito nacional em 1967, sob os auspícios da Confederação Nacional da Indústria - CNI, do SENAI e do SESI, como uma associação civil, de natureza privada, com o objetivo de promover a interação entre as indústrias e as instituições de ensino, através de programas de aproximação e relacionamento como o estágio, visitas técnicas, apoio e pesquisa científico-tecnológica, além de articulação de parcerias em prol do desenvolvimento econômico.

Em Mato Grosso, o IEL se instalou em 1978, com processo semelhante ao ocorrido nacionalmente, onde as entidades que compõem o Sistema Federação das Indústrias uniram-se para criar uma instituição que permitisse uma maior geração de projetos de desenvolvimento empresarial e cumprisse aqueles mesmos propósitos. A criação do Conselho Consultivo, que seria a instância que daria as diretrizes de atuação do Instituto em Mato Grosso, contou, também, com a participação da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT e com a antiga Escola Técnica Federal.

Por esse motivo, o primeiro produto oferecido pelo IEL em Mato Grosso foi o estágio, tendo como papel a intermediação entre instituições de ensino, estudantes e as empresas. O início dos trabalhos se deu em 1979, com a assinatura de convênio entre a UFMT e o IEL-MT. A implantação da cultura do estágio em Mato Grosso foi um dos principais desafios para a instituição. Mas os desdobramentos desse trabalho têm sido constatados de diversas maneiras, cada vez mais construtivas. Em 2004, cerca de 26 anos depois, foram 3.945 alunos atendidos pelo setor de estágio, entre ensino superior, técnico e médio, com mais de 300 empresas.



No início da década de 80, o IEL iniciou sua atuação como articulador de informações sócio-econômicas via apoio a pesquisas, destacando a parceria com o Departamento de Economia da Universidade Federal de Mato Grosso, no projeto 'Custo de Vida em Cuiabá'. A partir de então, o IEL-MT articulou e desenvolveu diversas pesquisas sócio-econômicas como o 'Cadastro Imobiliário de Mato Grosso', 'Indicadores Sociais', 'Sondagem Empresarial', 'Banco de Informações Sócio-Econômicas - BISE'.

Em 1984, nas comemorações do Dia da Indústria, o IEL lançou o primeiro 'Cadastro Industrial de Mato Grosso', contendo informações das indústrias instaladas. Na época, o Estado registrava 21 setores de atividade econômica.

Nesse período, consolidou-se o 'Banco de Informações Sócio-Econômicas de Mato Grosso', e colocou-o à disposição do mercado empresarial. Em seguida, lançou a terceira edição do 'Anuário das Indústrias'. Em Brasília, na CNI, o IEL apresentou o 'Cadastro Industrial de MT', em CD-Rom, com tiragem de 2 mil exemplares.

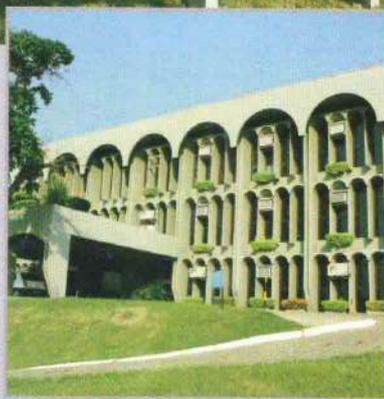
As mudanças ocorridas com o processo de crescimento econômico de Mato Grosso impulsionaram a entrada do IEL-MT no mercado de pesquisas de orientadas para a melhor tomada de decisão empresarial, tornando-se referência regional

no campo de informações para empreendedores.

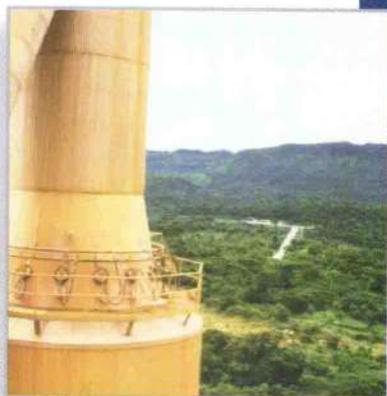
O setor de Educação e Capacitação Empresarial iniciou-se no final da década de 1980, com a articulação de cursos em áreas de medicina e segurança no trabalho com a Universidade Federal de Mato Grosso UFMT. Em 1995, o IEL estruturou este setor iniciando o seu foco na área de gestão empresarial, lançando o curso de pós-graduação em Administração e Comércio Exterior, junto com o Departamento de Administração da UFMT.

Desde então foram mais de 15 turmas de pós-graduação e mais de 450 executivos capacitados no mercado, em parceria com instituições renomadas, como a Faculdade Trevisan, UFMS, Fundação Dom Cabral e FIA-USP, além da CNI. O IEL-MT atendeu, ainda, a diversos projetos de capacitação *in company* para empresas. Promoveu seminários e palestras em parcerias, alcançando mais de 2.500 pessoas.

Nos últimos anos, o IEL-MT tem defendido a bandeira do empreendedorismo e a formação de consciência em prol do desenvolvimento setorial econômico, participando de projetos como Arranjos Produtivos Locais- APLs, Desenvolvimento Regional, entre outros. E com a certificação ISO 9001/2004, obtida em 2001, o Instituto Euvaldo Lodi em Mato Grosso torna-se referência nas suas áreas de atuação: pesquisa, capacitação e estágio.



O PROCESSO INDUSTRIAL DE **MATO GROSSO**



A construção do processo de desenvolvimento industrial moderno em Mato Grosso deu-se por sucessivas etapas, iniciadas até mesmo antes da criação da Federação das Indústrias no Estado de Mato Grosso em 1975 e, a partir dela, das suas ações e atitudes, algumas pioneiras, outras preventivas, políticas, de articulação institucional, de organização empresarial e de incentivo. Porém, antes de tudo, de atitudes nos momentos necessários.

CASA DA INDÚSTRIA

No dia 29 de novembro de 1982, em comemoração aos sete anos da FIEMT, inaugurou-se a Casa da Indústria de Mato Grosso, em solenidade assistida pelo então presidente da Confederação Nacional da Indústria, Albano Franco, entusiasta e apoiador da Federação e do projeto da sede própria. Nela instalaram-se, além da FIEMT, o SESI, o SENAI e o IEL.

Partindo dali, começou a política de descentralização para o interior, na busca de novos sindicatos e no estímulo à organização. Em 1989, a Caixa Econômica Federal inaugurou posto avançado na Casa da Indústria.

Gradualmente a FIEMT foi se estruturando, com vistas ao nascente e promissor processo de industrialização de Mato Grosso. Surgiu, por exemplo, o Núcleo de Comércio Exterior, que apoiaria as primeiras 17 empresas com perfil exportador da história moderna do Estado e se expandiria futuramente no Centro Internacional de Negócios, com atendimento ao forte mercado exportador mato-grossense.

A estruturação foi visível na medida em que a FIEMT tornou-se referência de luta e de posições a respeito da economia de Mato Grosso. Em 2000, o Núcleo de Tecnologia Mais Limpa nasceu para incentivar objetivos ambientais nas indústrias. Foi o quarto no país, com técnicos preparados para as demandas do setor.



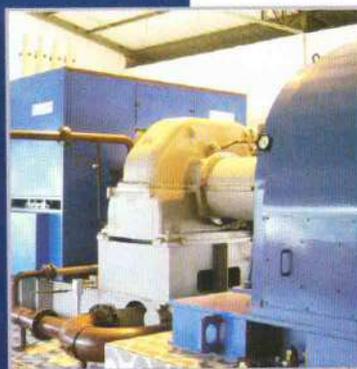
Ao comemorar os 25 anos, em 2000, a FIEMT realizou a exposição de fotos 'De Itaicy a Manso', uma ampla retrospectiva industrial do Estado. E o advogado João Bem Dias de Moura, um dos apoiadores na criação da FIEMT, lançou o livro 'A História do Sindicalismo em Mato Grosso'.

Em 2002, a Federação das Indústrias reestruturou os seus Conselhos Temáticos, que têm como objetivo discutir os principais assuntos relacionados aos interesses da classe industrial do Estado, sendo caracterizados como órgãos especiais de assessoramento.

Em 25 de maio de 2005, no lançamento do selo dos 30 anos da FIEMT, lançou-se também a edição número 1 da revista 'Negócios S/A', um veículo de divulgação de negócios relacionados à macroeconomia estadual com destaque para a indústria.

A Casa da Indústria, uma das primeiras construções edificadas na Avenida Historiador Rubens de Mendonça, hoje é, principalmente, referência importante nas discussões modernas em Mato Grosso.

DESENVOLVIMENTO



Ainda que o desenvolvimento mato-grossense estivesse se dando através das migrações e da abertura de novas fronteiras agrícolas, faltava uma atividade industrial mais densa para consolidar o crescimento. Havia uma grande perplexidade no Estado, tanto pela recente ocupação econômica, quanto pelo despreparo para uma tomada de posição dos setores produtivos mato-grossenses. A agricultura que se expandiu na segunda metade da década de 70, principalmente no Vale do Araguaia, entrou em crise arrastando consigo no primeiro momento a indústria do calcário, e deixando outros reflexos na sua passagem.

Mas havia uma ordem de crescimento em vigor no Estado. Em 1990 o Produto Interno Bruto estadual cresceu 15%, contra os 8% do país.

Com a recente abertura das importações o presidente da FIEMT, Ari Wojcik, declarava em abril de 1990: *competência é sinônimo de modernidade. Quem não tiver, será esmagado pelo rolo-compressor da eficiência.* E em 1995 o presidente Carlos Antonio de Borges Garcia defendia a implantação do Programa Amazônia Integrada - PAI, lançado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES para romper o isolamento amazônico. Acompanhou comitiva estadual ao Japão em busca de possibilidades tecnológicas do interesse industrial para Mato Grosso. E nos anos seguintes ele e os seus sucessores iriam à China, Japão, Europa, América do Sul e América do Norte.

A presença da intermediação da FIEMT foi cada vez mais intensa na defesa dos interesses econômicos de Mato Grosso, desde mudanças no perfil de financiamentos, como na criação do Mercado Comum do Oeste - Mercoeste, numa visão futurista regional; até no estabelecimento de uma política industrial propondo a criação de programas de incentivos para a madeira, o algodão e o leite. O surgimento do algodão no cenário produtivo sugeriu a criação de pólo têxtil em Rondonópolis. Para responder à nova situação, o SENAI-MT instalou em Rondonópolis a 1ª Escola de Beneficiamento de Algodão da América Latina, em parceria com o Centro Tecnológico da Indústria Química e Têxtil do Rio de Janeiro CTIQT.



Continuaram postulações relacionadas a linhas de crédito, a novas tecnologias, e ao estudo de novas cadeias produtivas.

No aniversário de 25 anos da FIEMT, o ministro Fernando Bezerra, da Integração Nacional, disse: *não é preciso ser futurólogo para prever que Mato Grosso será pólo de desenvolvimento do país, por seu potencial agropecuário e industrial e de ser o pivô de ligação com os países da Costa do Pacífico.* O presidente da CNI, Carlos Eduardo Moreira Ferreira, defendeu a ampliação da malha de transporte rodoviário, hidroviário e ferroviário de Mato Grosso para não interromper seu desenvolvimento e o presidente da FIESP, Horácio Lafer Piva, também assegurou que: *o Estado será um grande pólo de desenvolvimento industrial no país.* O presidente da CNI, Carlos Eduardo Moreira Ferreira, disse que: *é sempre bom vir a Mato Grosso porque o exemplo mostra que o Brasil tem saída.*

Em 2000, o universo industrial já possuía 6.800 indústrias, e grandes investimentos acenavam, como a ferrovia Ferronorte.

Entre 1997 e 2001 a SUDAM aprovou

mais de R\$ 2 bilhões para Mato Grosso.

Em 2002, o PIB estadual revelou crescimento de 7%, com R\$ 13,4 milhões - o segundo maior desempenho do país - inferior apenas ao Amazonas, beneficiado com subsídios e incentivos fiscais da Zona Franca.

Em dezembro de 2003, a CNI, o Ministério da Integração Nacional e SENAI realizaram em Cuiabá o 'Encontro de Promoção de Investimentos do Mercoeste', projeto que envolve sete estados do Centro-Oeste. As regiões identificaram, em projeto do SENAI, as suas principais cadeias produtivas, com o lançamento do Perfil Competitivo do Mercoeste.

Em Mato Grosso foram estudadas 11 cadeias produtivas. A região do Mercoeste tem 2,274 milhões de km², equivalentes à soma da Bolívia e do Peru, 124 milhões de hectares de terras agricultáveis, 15 milhões irrigáveis. O rebanho bovino é de 80 milhões de cabeças, com taxa de desfrute de 18,6%. Os Estados conjuntos possuem 14.731 milhões de habitantes e um PIB regional de R\$ 86,3 bilhões. As exportações, chegam a valores de US\$ 2,9 bilhões, representando 4,89% da balança nacional.





Sérgio Zilling, presidente do sindicato das Indústrias de Alimentação de Barrado Garças, em Brasília, ao lado do presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva

POLÍTICA O MEIO INDISPENSÁVEL

Nas ações institucionais foi inevitável que a FIENT gradualmente participasse ou liderasse movimentos políticos desencadeados em favor dos interesses de Mato Grosso ou, em certos momentos, tomasse iniciativas políticas em defesa dos interesses industriais.

Houve ocasiões em que defendeu a participação de empresários na política partidária para ajudar Mato Grosso a consolidar-se, principalmente depois da divisão que separou Mato Grosso do Sul. Havia grandes desafios e a necessidade do pragmatismo empresarial na gestão política do Estado remanescente da divisão. *Certas políticas geram resultados criticáveis*, defendia o presidente Otacílio Borges Canavarros. Durante visita a Cuiabá, o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo - FIESP, Luis Eulálio Bueno Vidigal, reconheceu Mato Grosso como um Brasil diferente, sem crise, mas admitiu que sobre as reivindicações estaduais: *ainda falta aos nossos políticos, coragem política de tomar decisões necessárias*.

Em 1984, durante a campanha para a Presidência da República, o candidato Aureliano Chaves debateu com a sociedade estadual na FIENT e recebeu documento reivindicando infra-estrutura rodoviária e energética, sob o argumento de que Mato Grosso precisava de tratamento diferenciado por sua capacidade de dar respostas mais rápidas do que o Nordeste, por exemplo.

O presidente da República eleito em 1985, Tancredo Neves, recebeu da FIENT e de entidades do setor produtivo documento com reivindicações em energia e estradas.

Nereu Pasini com governador Blairo Maggi



Em 1987, a FIEMT reuniu-se com os parlamentares federais constituintes em defesa de teses do setor produtivo, e em seguida com o deputado Ulysses Guimarães, presidente da Assembléia Nacional Constituinte. Em Cuiabá, reuniu empresários para discutir sobre a nova Constituição.

Em 1990, a Federação enviou ao recém-empossado presidente da República, Fernando Collor de Mello, documento recomendando moralidade administrativa em todos os níveis do governo. O então presidente da FIEMT, Carlos Antonio de Borges Garcia, discutiu com bancada federal, em Brasília, o alongamento das dívidas contraídas por empresas antes do Plano Real e as dificuldades que impediam a retomada do crescimento industrial no Estado.

Em 1997, criou-se na FIEMT a Coordenadoria de Assuntos Legislativos para acompanhar na Assembléia Legislativa estadual a tramitação de projetos de interesse industrial.

Em março de 1998, a FIEMT enviou documento ao presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, propondo programa de reestruturação industrial, utilizando títulos públicos como lastro à semelhança do Proer, programa que tirou bancos da iminência de falência.

Em 29 de agosto de 2002, o Fórum do Setor Produtivo, do qual a FIEMT faz parte junto com as demais federações, sindicatos e associações, promoveu agenda de debates com três candidatos ao governo do Estado: senador Antero Paes de Barros, empresário Blairo Maggi, e o procurador Alexandre César. Receberam e discutiram a 'Agenda do Setor Produtivo', preparada pelo Fórum, e contendo 10 pontos básicos ligados ao desenvolvimento econômico, social e político de Mato Grosso.

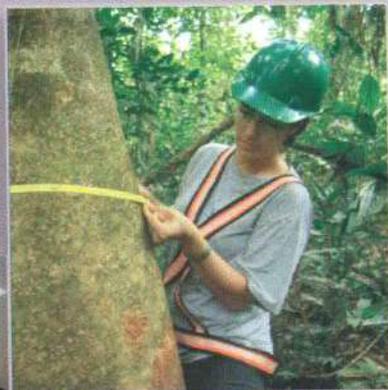
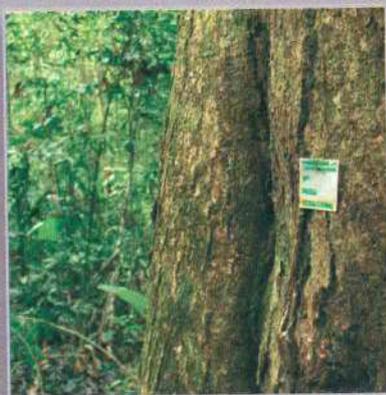
Em 2003, o presidente da FIEMT, Nereu Pasini, empresários madeireiros e engenheiros florestais do Norte de Mato Grosso discutiram com o ministro-chefe da Casa Civil da Presidência da República, deputado José Dirceu, a grave crise do setor em função das dificuldades de relacionamento com o Ibama, que pressiona as empresas à ilegalidade por tantas exigências, e a sua ineficiência, como contrapartida. A falta de Autorização de Transporte para Produtos Florestais - ATPFs e a liberação de projetos de manejo florestal sustentado foram comentados em amplo documento entregue ao ministro.

Em 2005, depois da grave crise do setor madeireiro, o presidente Nereu Pasini, em companhia do presidente da CNI e de presidentes das federações das indústrias nos estados amazônicos, discutiu novamente com a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Roussef, a retomada da atividade madeireira.

Na medida em que a economia mato-grossense se consolida e se torna mais tecnológica e competitiva, a participação política da FIEMT, como interlocutora do setor industrial, também se refina. Empresários são convidados a participar ativamente da vida política como secretários municipais e secretários de Estado - no caso dos empresários Carlos Avalone e atualmente Alexandre Furlan, que além de secretário da pasta da Indústria, é também diretor-tesoureiro da CNI. A ação política torna-se profundamente articuladora e menos coadjuvante como em anos anteriores.

AMAZÔNIA

LUTA PELO ESPAÇO REGIONAL



Em 1966, o governo brasileiro incluiu Mato Grosso parcialmente na chamada Amazônia Legal, conduzida pela Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia - SUDAM. Em 1979, com a separação de Mato Grosso do Sul, o Estado inseriu-se totalmente na Amazônia Legal. Com isso passou a beneficiar-se da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia - SUDAM e do Fundo de Investimentos da Amazônia - FINAM.

Nos anos seguintes a quase totalidade dos projetos industriais instalados em Mato Grosso beneficiaram-se dos recursos oriundos da SUDAM. Mas, antes que isso acontecesse, o processo foi longo e político. Na ponta, a Fiemt sempre se posicionou em defesa da industrialização. Em 1983, por exemplo, em plena segunda crise do petróleo e com a economia nacional em dificuldades, a Fiemt liderava frente de luta em defesa dos interesses da Amazônia Legal, propondo a formação de um bloco político e empresarial, com base no documento 'Ocupação Consciente da Amazônia'.

Em 1985, os governadores dos estados amazônicos reuniram-se na Fiemt para a defesa dos interesses regionais junto ao governo federal, e hipotecaram apoio ao presidente da República, José Sarney, no projeto de construção da ferrovia Norte-Sul.

No período seguinte, as ações da Fiemt variaram desde a consolidação dos projetos do Estado junto à SUDAM, à defesa da manutenção dos incentivos fiscais, da agilidade na liberação dos projetos de interesse estadual presos à burocracia da autarquia. Mato Grosso, de fato, consolidou-se como o Estado mais bem sucedido na aplicação dos recursos e na implantação dos projetos financiados pela SUDAM. A industrialização do Estado tornou-se realidade.

A extinção da autarquia em 2001, atribuída a distorções históricas, empobreceram os horizontes de industrialização em Mato Grosso. Perderam-se mais de 130 projetos em análise ou em implantação, muitos na área da agroindústria.

A anunciada Agência de Desenvolvimento da Amazônia - ADA, nunca funcionou efetivamente, apesar das promessas de destinação de recursos, que não ocorreram, para os mesmos propósitos realizados pela agência antecessora.

A demanda é forte. Mato Grosso teve, em 2005, projetos com valor superior a R\$ 1,5 bilhão.

INFRA-ESTRUTURA ATTITUDES DE DEFESA

O desenvolvimento de Mato Grosso historicamente esteve amarrado à infra-estrutura viária e de energia elétrica. Ainda que as rodovias BR-364 (a partir de Goiânia), e BR-163 (a partir de Campo Grande), tenham sido pavimentadas em 1973, as principais vias estaduais mantiveram-se por longos anos sem pavimentação, comprometendo o desenvolvimento no vasto território de 901 mil km².

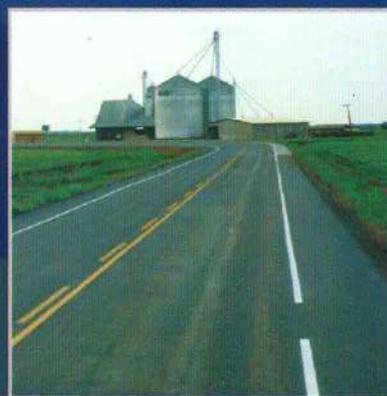
Em 1989, surgiu no cenário o projeto da ferrovia Ferronorte, do empresário Olacyr de Moraes, com proposta de ligar São Paulo ao Norte mato-grossense, e daí ao porto de Santarém, no Pará, e a Porto Velho, em Rondônia, no Noroeste. O projeto sofreu sucessivas mudanças acionárias e viveu conflitos de interesses desde o traçado até a sua própria complementação. Por fim, em 6 de agosto de 1999, os trilhos entraram em Mato Grosso por Alto Taquari e pararam em Alto Araguaia.

A pavimentação do eixo BR-163, do extremo norte de Mato Grosso até Santarém, 1.800 km, movimentou articulações sucessivas da Fiemt em conjunto com bancadas parlamentares, com governadores e com as federações de indústria amazônicas, com órgãos federais em Brasília, com organizações e com empresários estaduais e regionais. A rodovia é o eixo da integração do Brasil com a Amazônia, passando pelo coração de Mato Grosso.

Em 2002, a Fiemt participou do diagnóstico da malha viária de Mato Grosso, nos 26 mil quilômetros pavimentados e não-pavimentados. Detectou-se que 90% da produção do Estado circula em 4 mil quilômetros, dos quais só 1.700 pavimentados e, destes, 800 em estado precário.

Apesar de estancada em Alto Taquari, o terminal local embarcou 6,5 milhões toneladas de grãos em 2004 e prevê transportar oito milhões de toneladas de soja em 2005. A produção de grãos em Mato Grosso passou de 25 milhões de toneladas em 2005. Também fechou contratos para transporte de álcool e açúcar.

As discussões em torno da Ferronorte têm sido travadas institucionalmente sob os auspícios da Fiemt, em interlocução com setores como o Fórum Pró-Ferrovia e o governo do Estado.





ENERGIA

ATTITUDES DECISIVAS

Entre 1976 e 1996, a FIENTM foi um severo e contínuo porta-voz do setor empresarial no início, e mais tarde da própria sociedade mato-grossense, em defesa de solução para o crescente agravamento da crise energética. Defendeu a construção da usina hidrelétrica de Couto Magalhães, na divisa com Goiás. Depois, encampou a defesa da Usina de Manso, em Cuiabá, finalmente concluída em 1998. Questionou o modelo energético, fez gestões em Brasília ora isolada, ora em conjunto com a Confederação Nacional da Indústria - CNI junto à Presidência da República, a ministérios, à estatal Eletronorte e ao Congresso Nacional. Reuniu-se com as bancadas parlamentares sucessivas vezes na busca da solução energética para o Estado de Mato Grosso.

O fato é que a partir de 1970 o desenvolvimento econômico esbarrava na falta de infra-estrutura viária, mas a energia elétrica representava o maior impedimento.

O boletim 'Informativo FIENTM', eficiente canal de comunicação interna, registrava em 1979: *Energia é um dos itens que mais tem caracterizado a falta de estrutura de Mato Grosso, um dos estados que mais crescem no país.* Em 1985, o mesmo boletim prenunciava o racionamento em 1986 e defendia novo linhao transportando energia desde Cachoeira Dourada, em Goiás.

Em 1983, o racionamento batia às portas do Estado, e a esperança concentrava-se na conclusão da Usina de Manso, prevista para a década de 90.

Finalmente, em 7 de abril de 1983, no auditório da FIENTM, o ministro das Minas e Energia, César Cals, assinou a autorização para início das obras da Usina de Manso, importante para suprir o déficit estadual de 100 MW/dia. O custo estimado era de US\$ 350 milhões para gerar 210 MW, além de regular o curso do rio Cuiabá e poder irrigar 50 mil hectares próximos.

As fontes alternativas eram discutidas em

seminários e entrevistas à imprensa, como o uso de resíduos de cana e a criação de miniusinas de álcool.

Em 1988, a FIENTM, em nome da classe produtiva estadual, entregou ao ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, documento pedindo solução para os problemas energéticos mato-grossenses. Já no ano seguinte, o presidente da FIENTM, Ari Wojcik, e empresários discutiam no Congresso Nacional e no Ministério das Minas e Energia a continuidade das obras paralisadas da Usina de Manso. Todas as pressões de Mato Grosso concentravam-se na Federação das Indústrias, que articulava os movimentos políticos e empresariais pela continuidade da obra paralisada em 1988.

Em 1990, começaram a aparecer os projetos para construção de miniusinas hidrelétricas privadas no Estado. Esperava-se para 1993 o inadiável funcionamento do linhao ligando Cuiabá ao Norte do Estado. Mais uma vez a FIENTM contestava o governo federal na decisão de paralisar as obras da Usina de Manso.

A Federação sediou, em 1995, o seminário 'Energia Elétrica no Estado de Mato Grosso - Oportunidades de Negócios', consolidando a tese dos investimentos crescentes em hidrelétricas privadas.

Em 1996, realizou audiência pública em busca de parceiros privados para a retomada das obras da Usina de Manso. O presidente Carlos Antonio de Borges Garcia visitou o Norte do Estado, para conhecer as dificuldades que a região enfrentava por falta de energia elétrica. E, diante da possibilidade iminente de racionamento de energia elétrica em Mato Grosso, em agosto de 1996, a FIENTM começou estudar alternativas para geração, defendendo a utilização do bagaço de cana como combustível e gerando, de imediato, até 49 MW. O projeto foi apresentado ao governador Dante de Oliveira. O empresário João Nicolau Petroni, da destilaria Barralcool, de Barra do Bugres, confirmou a possibilidade de geração de 30 MW em 1997, usando o bagaço de cana.

A Federação das Indústrias discutiu permanentemente programas de aproveitamento da energia e de novas fontes alternativas. Grupo de empresários foi enviado a Cuba para estudar a geração de energia com o bagaço da cana. O presidente da época reuniu-se no Rio de Janeiro com técnicos da Eletrobrás buscando convênio para o aproveitamento de resíduos industriais na geração de energia elétrica.

A FIEMT esteve no grupo de que elaborou o planejamento energético do Estado.

Em agosto de 1998 entrava em fase experimental a Usina Termelétrica de Cuiabá, movida a gás natural, capaz de gerar 480 MW.

Em seguida, a FIEMT debatia uso do gás natural nas indústrias mato-grossenses e sediava o seminário 'Gás Natural Oportunidades de Negócios'. A tese era a de que novos negócios surgiriam a partir do gás natural. Com a inauguração do gasoduto Brasil-Bolívia, Mato Grosso consolidava sua independência energética e tornava-se exportador de energia. O SENAI-MT lançou a construção de laboratório para o gás natural, antecipando a chegada do Gasoduto Brasil-Bolívia.

Face à possibilidade de privatização das Centrais Elétricas Mato-grossenses S/A - Cemat, o presidente e diretoria da FIEMT prestaram apoio político ao governador Dante de Oliveira, em defesa do desenvolvimento do Estado.

Na época, o presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, inaugurou a Usina de Manso em dezembro de 2000. Defensora da primeira hora, a FIEMT considerou a redenção da economia e abriu expectativas otimistas para a indústria estadual. A obra foi construída pelo consórcio privado Proman e Furnas Centrais Elétricas ao custo de R\$ 430 milhões, podendo gerar 220 MW.

Encerrava-se um ciclo de 22 anos de comprometimento no qual a FIEMT lutara continuamente pela solução da crise energética que assolou Mato Grosso e, em certos momentos, chegou a ameaçar o seu desenvolvimento.

Porém, mesmo assim, haveria outras surpresas. Em 2002, a FIEMT oficializou a sua participação no Programa de Energia Brasil e apresentou alternativas ao 'apagão energético' que atingiu o país e gerou racionamento de até 30%. Mato Grosso se mobilizou diante da crise de energia e, mais uma vez, a FIEMT tornou-se a interlocutora junto aos governos estadual e federal, com vistas a soluções para o setor industrial, em especial as agroindústrias.

O presidente da FIEMT, Alexandre Furlan,

anunciou prejuízos para a indústria com a previsão de apagão energético nacional e pedia tratamento diferenciado para o Estado. A indústria consumia 21% da energia estadual. Ao ser anunciado o plano de racionalização, frustrou as expectativas dos empresários, proibindo fornecimento de energia para novos empreendimentos industriais. A agroindústria sentiu-se ameaçada.

A FIEMT alertou a CNI sobre impactos e propôs redução máxima de 10% no consumo industrial e a reativação de hidrelétricas paralisadas. Mas coordenava, também, plano antiapagão e estudos que previam 35 MW de energia produzida pelo setor sucroalcooleiro com suas 12 usinas em operação.

Diante do apagão, FIEMT criou a Bolsa de Energia do Estado de Mato Grosso, para intermediar a compra e venda de energia entre empresas do Estado e de outras federações.

Em novembro de 2002, entrava em funcionamento a segunda maior usina do Estado, a Hidrelétrica de Guaporé, construída pelo Grupo Rede, gerando 40 MW.

Em 2005, ainda existia excedente de gás. Dos 2,8 milhões de m³ disponíveis, o Estado usava 2,1 milhões. Estimativa levantada pela FIEMT apontava demanda por 300 mil m³ de gás/dia. Na última sessão do primeiro semestre de 2003, Assembléia Legislativa aprovou a Cia. Mato-grossense de Distribuição de Gás, a MT-Gás, com 100% de capital estatal a princípio. A empresa distribuirá comercialmente o gás boliviano que está sendo subutilizado.

A comercialização do gás começou no segundo semestre de 2005.

Com a inauguração da linha de transmissão de Cuiabá a Rondonópolis e à estação de Itumbiara (GO) de 810 km em 500 KV, Mato Grosso torna-se auto-suficiente em energia.

Coroando a auto-suficiência, 11 novas pequenas Centrais Hidrelétricas - PCHs entrarão em funcionamento no Estado até 2006.



POLÍTICA INDUSTRIAL

A FIEMT iniciava, em 1982, a defesa de uma política industrial para o Estado. Apesar de recente, percebia-se o fortalecimento da atividade empresarial industrial moderna em Mato Grosso. Como pronunciou o secretário de Estado Indústria, Comércio e Turismo da época, Ricardo Corrêa: *O governo de Mato Grosso reconhece que o documento contendo subsídios para a formulação de política industrial vem ao encontro dos propósitos do governo estadual.* E, ainda, assinalou que a transformação de Mato Grosso de estado rural para industrial exigiria trabalho, motivação e ousadia, características que percebia na FIEMT. Um vislumbre aos incentivos fiscais até então inexistentes.

Em 1985, o governador Júlio Campos encaminhava à Assembléia Legislativa projeto de lei criando o Fundo de Desenvolvimento Industrial - FUNDEI. Junto, a criação do Conselho de Desenvolvimento Industrial e Comercial - CODEIC, para gerir o fundo.

Nos anos seguintes, todos os passos do setor industrial foram formulados dentro da FIEMT ou sob a sua orientação.

Já em 1996, a FIEMT reivindicou ao governador Dante de Oliveira a agilidade nos processos do Programa de Desenvolvimento Econômico e Social - PRODEI, emperrado na Secretaria de Fazenda. Em resposta, a Secretaria de Fazenda anuncia liberação de projetos em 30 dias.

Por fim, a partir de 1998, a Federação das Indústrias propõe ao governo do Estado pontos para uma política de incentivos fiscais que dariam nova vida ao setor industrial. Das sugestões e das articulações que se seguiram, nasceram os programas de incentivo às cadeias produtivas, como o Promadeira (madeira), o Procouro (couro), o Proleite (leite) e Proalmat (algodão). Esses programas incentivaram a agregação de valor aos produtos, e beneficiavam às empresas com redução de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços - ICMS na proporção do grau de industrialização de seu produto.

Foram instrumentos de impulso à atividade empresarial, resultado na consolidação da política industrial de Mato Grosso.



QUESTÕES TRIBUTÁRIAS

A defesa dos interesses industriais e da economia de Mato Grosso nas questões tributárias foi permanente ao longo da história da Federação das Indústrias, que sempre questionou junto aos governos estadual e federal e articulou o apoio das bancadas parlamentares. Obteve vitórias e, quando não, marcou posição de protesto.

No âmbito estadual, foram incontáveis as ações ajuizadas na Justiça contra a cobrança de taxas e de tributos considerados abusivos, indevidos ou inconstitucionais. Obteve dezenas de liminares e muitas sentenças definitivas.

Algumas podem ser citadas: Em 2000, o governador negou pedido da FIEMT para redução de alíquota do ICMS. Ainda em 2000, a FIEMT encaminhou ao governador Dante de Oliveira pedido de criação de Refis em MT. Orientou empresários a aderirem ao Programa Refis para quem tinha débitos com a Receita Federal e com o INSS, alcançando adesão de 80% dos interessados.

Em março de 2001, a FIEMT, através da CNI, pretendeu

entrar com Ação Direta de Inconstitucionalidade contra o governo se fosse mantida a proposta de aumento em 25% de multa rescisória do FGTS e do valor da contribuição.

Em 2002, empresários dos setores industriais mecânico, metalúrgico e de material elétrico, com mais de 600 empresas, reivindicaram incentivos fiscais para que o segmento pudesse crescer. Às vésperas da eleição presidencial de 2002, o presidente da FIEMT, Alexandre Furlan, cobrou em nome do setor produtivo uma eficiente reforma tributária no próximo governo para o efetivo desenvolvimento econômico.

Em janeiro de 2003, a FIEMT reuniu-se com o Comitê Multissetorial Econômico, composto pelas secretarias econômicas do governo de Mato Grosso, para discutir a elaboração de propostas de desenvolvimento destinadas ao governo estadual como contribuição do setor produtivo, e propôs alternativas para que as indústrias de ferramentas e implementos agrícolas pudessem se instalar no Estado.

Em âmbito nacional, a CNI e as federações das indústrias articulam campanhas de redução da carga tributária.



“ACORDA BRASIL” PARA A REFORMA TRIBUTÁRIA

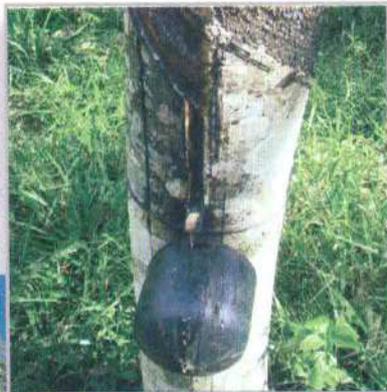
Face à proximidade de votação da reforma tributária no Congresso Nacional, em 20 de agosto de 2003, empresários mato-grossenses ligados ao Fórum do Setor Produtivo, realizaram movimento de protesto e de paralisação chamado 'Acorda Brasil para a Reforma Tributária'. Foi um movimento inusitado, orquestrado pelo setor produtivo mato-grossense.

O protesto, com passeata pelo centro da capital, reuniu além de empresários, representantes de organizações não-governamentais, sindicatos patronais e de trabalhadores, parlamentares e

populares contra a carga tributária de 36% do Produto Interno Bruto, que reduz o poder de compra da sociedade, limita a geração de empregos no país e produz as desigualdades sociais. Seis mil pessoas foram às ruas em Cuiabá participar do protesto contra a proposta apresentada na época da reforma tributária. Uma das reivindicações era a limitação da carga tributária em no máximo 25% do PIB. O grande argumento era que Mato Grosso cresceu em 22,4% sua arrecadação de impostos federais entre 2002 e 2003, sem a correspondente devolução em investimentos públicos federais.

MEIO AMBIENTE

O PARADIGMA



Quando se percebeu que a industrialização de Mato Grosso seria inevitável em decorrência da expansão econômica iniciada pela política de ocupação da Amazônia a partir de 1971, a Fiemt já antecipava ações e discussões a respeito da questão ambiental.

Era mais profético do que realidade. Até mesmo o próprio tema ambiental não era freqüente na formulação das políticas de desenvolvimento no Brasil. Mato Grosso tinha exuberância extraordinária de recursos naturais e poderia não parecer relevante tratar de questões ambientais na economia essencialmente primária de então.

Mas foi em Mato Grosso, em 19 de abril de 1988, que o governo do Estado fez publicar a licença de instalação da obra de Aproveitamento Múltiplo de Manso, a primeira hidrelétrica no país que teve estudos de impacto ambiental.

No auditório da Fiemt, sucederam-se discussões, seminários e workshops em torno das questões ambientais, como pioneiro projeto 'Poço de Carbono', pela Peugeot, da França. No Norte, o SENAI-MT implanta em cooperação empresarial o Projeto de Manejo Florestal Sustentado Jamanchim com a Escola da Floresta, para treinar recursos humanos para esta área que, na visão moderna, será a alternativa de sobrevivência da indústria madeireira.

As exportações de madeira evoluem, num mercado onde as exigências ambientais são crescentes, cobrando da indústria madeireira mato-grossense atitudes proativas.

Porém, em julho de 2003, surgiu a primeira denúncia de que a soja avançava sobre a Amazônia, representando uma mudança no padrão econômico da região. Desmatamentos previstos no ano foram de 1,1 milhão de hectares, sendo que destes, 700 foram para a soja. Os reflexos restritivos recaíram principalmente sobre a extração madeireira, embora ela não promova desmatamentos rasos na sua atividade.

Como decorrência da 'Operação Curupira', em junho de 2005, as relações legais, institucionais e comerciais do setor madeireiro praticamente se inviabilizam ao ponto de o secretário estadual do Meio Ambiente, recém-empossado, prever 'o fim do ciclo extrativo em Mato Grosso'.

Ganham corpo os projetos de manejo florestal sustentado para garantir a permanência da atividade madeireira, dependentes, contudo, da aprovação eficiente na nova Secretaria de Estado do Meio Ambiente que, mediante acordo operacional, substituiu o Ibama nas atribuições de expedir licenças para desmatamento, para reflorestamento, para expedição de Autorizações de Transporte para Produtos Florestais - ATPFs e para os manejos florestais sustentáveis ou de impacto reduzido.

Em outras áreas da atividade industrial, Mato Grosso experimenta avanços como a instalação da primeira empresa de reciclagem de embalagens plásticas de agrotóxicos no país.

Por estar sempre à frente nestas ações, a Federação das Indústrias se mostrou absolutamente convencida da crescente exigência de políticas industriais socialmente responsáveis e trabalha para que as barreiras sanitárias e ambientais não influam negativamente na economia industrial de Mato Grosso.

Já nos anos 80, apareceram as preocupações pela necessidade de uma política florestal que atendesse às demandas de Mato Grosso, importante produtor de madeira no país. A Federação das Indústrias e a Universidade Federal de Mato Grosso estudavam o aproveitamento de espécies florestais. Levantou-se a tese do reflorestamento, como medida preventiva para evitar futuras contradições. A Fiemt defendia a instalação do recém-criado Conselho de Política Florestal, pelo Ibama. Dele dependiam a aprovação de projetos florestais. Mas, antes, face à inação do Ibama, madeireiros fundaram entidade cooperativa para repor a madeira cortada, com o apoio do IEL-MT, mediante pesquisa florestal. Madeireiros propunham a criação de cooperativas para gerir o reflorestamento, acusando o Ibama de desvio dos recursos arrecadados para esse fim, além de ineficiência.

Em 1996, a Fiemt entregou ao presidente Fernando Henrique Cardoso, em Sinop, solicitação para política florestal que contemplasse a exploração racional das florestas. Em seguida, um documento intitulado 'Sugestões e Considerações para uma política de sustentabilidade das madeiras para serraria e laminação' foi encaminhado ao presidente da República e ministérios, propondo uma política florestal. Dois anos depois, o Ibama muda critérios para a reposição florestal, atendendo à proposta originada na Fiemt. Em Brasília, o presidente da Fiemt debateu na CNI o documento sobre sustentabilidade com madeiras para laminação e serrarias.

Em abril de 2001, começa na região de Sinop o Projeto de Manejo Florestal Sustentado Jamanchim, uma parceria do SENAI-MT com a Indústria Madeireira Coimal. No projeto funciona a Escola de Floresta, onde são realizados cursos de Educação Profissional e Serviços Técnicos e Tecnológicos contribuindo para o desenvolvimento pleno e sustentável da atividade florestal e para a exploração racional e a conscientização ecológica do setor.

POLÍTICA FLORESTAL

Em março de 2003, sindicatos madeireiros da região Norte do Estado discutiram com madeireiros, em Sinop, manejo florestal, reposição florestal e estoque de madeira. O mesmo tipo de encontro deu-se na região do Vale do Arinos, que abrange o município de Juara. Ainda em 2003, Mato Grosso ocupava a 5ª posição no país como exportador de madeira. O presidente da Fiemt, Nereu Pasini, temendo pelo futuro da oferta de madeira no Estado, defendia o reflorestamento para garantir a perenidade do setor madeireiro.

Por fim, depois dos efeitos da 'Operação Curupira', que atingiu profundamente o funcionamento do setor madeireiro em junho de 2005, Mato Grosso desponta com excelente potencial e condições adequadas para o reflorestamento. Além do mais, reflorestar e manejar são tendências mundiais para perenização da exploração da madeira.



INDÚSTRIA MADEIREIRA

A exploração florestal surgiu com a ocupação do Norte e do Noroeste de Mato Grosso a partir da década de 70. Foi a primeira atividade econômica dessas regiões nos primeiros tempos.

Os desbravadores lutaram contra adversidades enormes, como a falta de estradas, de energia elétrica, de tecnologia, de recursos humanos e, principalmente, de mercados. A principal via de acesso e de escoamento do Norte, a rodovia BR-163 - Cuiabá-Santarém, mantinha-se precária o ano inteiro.

Em 1982, os empresários do setor madeireiro de Sinop criaram a Associação Profissional das Indústrias de Serrarias, Carpintarias, Tanoarias, Madeiras Compensadas e Laminadas, Aglomerados e Chapas de Fibras de Madeira, presidida pelo empresário Valdemar Antonioli. Mais tarde se transformaria no Sindicato das Indústrias Madeireiras do Norte de Mato Grosso - Sindusmad. Era o princípio da organização do setor.

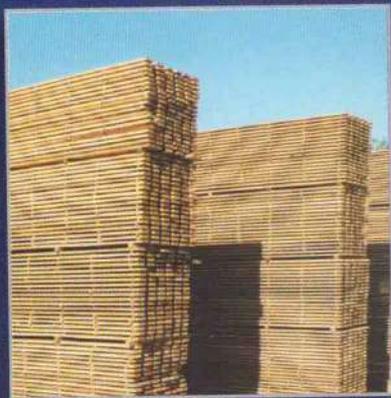
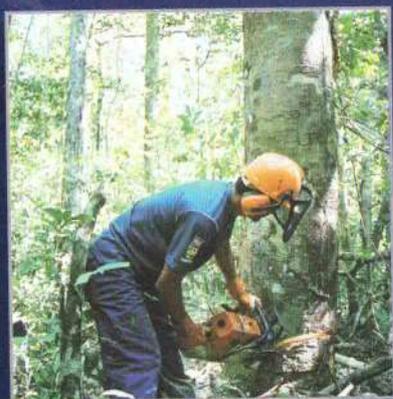
Só em 1985 a indústria madeireira começou a alcançar o mercado externo. E já começaram também as pressões ambientais. No cenário apareceu, pela primeira vez, a tese do reflorestamento de reposição, mas faltavam recursos e conhecimentos.

Em 1988, o governo de Mato Grosso anunciou na FIENT a criação do programa Promadeira, introduzindo incentivos fiscais progressivos para as distintas fases do processo industrial. O programa e os demais para outras cadeias produtivas nasceram de sugestões da FIENT ao governo estadual para uma política industrial.

Mas as relações da indústria madeireira com o Ibama vinham de crescentes tensões por causa da fiscalização aleatória, dos conflitos de legislação e de interpretação dos regulamentos. As tensões traziam como consequência sucessivas interrupções na expedição das Autorizações para o Transporte de Produtos Florestais - ATPFs, com sérios prejuízos ao comércio da madeira industrializada. Afetavam, especialmente, os contratos de exportação com prazos rígidos.

A FIENT posicionou-se em todas as situações e centralizou questionamentos sobre a liberação das ATPFs, projetos de manejo florestal sustentável e o reflorestamento para a exploração da madeira, e na própria fiscalização do setor.

Em 2003, as indústrias corriam contra o tempo para adequarem-se às normas e rigorosos padrões da Comunidade Européia que vigorariam a partir de 2004. De início exportaram compensados, mas gradualmente foram incorporando outros produtos sob especificações. Mato Grosso já se tornou em 2003, o 5º exportador de madeiras no país.



Porém, a relação com o Ibama deteriorava-se continuamente e os altos e baixos eram percebidos pela freqüente suspensão da expedição das ATPFs, requerendo pressões do setor, via FIEMT. Sucessivos encontros foram mantidos com a direção nacional do Ibama e com o Ministério do Meio Ambiente em busca de consensos do interesse comum. Todas as gestões, por mais fortes que fossem, terminavam sempre na inoperância corporativa ou na falta de estrutura do Ibama no Estado de Mato Grosso.

Em junho 2005, o impasse atinge seu ponto máximo. Através da 'Operação Curupira', realizada pela Polícia Federal e Justiça Federal, o setor madeireiro entrou em colapso total com o seu desmonte, sob acusações de ilegalidade e de desmatamentos.

O setor pagava o preço por uma longa história de relações conflituosas de legislações estadual e federal, de fiscalização do Ibama e de dificuldades na aprovação dos projetos de manejo sustentado.

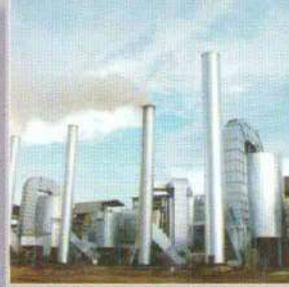
O ano de 2005 terminou com mais de 20 mil trabalhadores dispensados pelas indústrias e uma iminente mudança no perfil da indústria madeireira. Nem mesmo a delegação da expedição de ATPFs e de projetos de manejo sustentado para a Secretaria de Estado do Meio Ambiente serão suficientes para restaurar o setor madeireiro.

Seis sindicatos representam o setor madeireiro em Mato Grosso: sindicato das Indústrias Madeireiras do Noroeste - Simno, sindicato das Indústrias Madeireiras do Norte do Estado de Mato Grosso - Sindusmad, sindicato das Indústrias Madeireiras do Vale do Arinos - Simava, sindicato das Indústrias Madeireiras do Médio-Norte - Sindinorte, sindicato dos Madeireiros do Extremo Norte - Simenorte, Sindicato dos Madeireiros de Sorriso - Simas.

O seu futuro será um enigma até que se estabeleçam novos parâmetros ambientais e florestais.



INTEGRAÇÃO SUL-AMERICANA



A descoberta de Mato Grosso, no século 18, deu-se por via fluvial desde o rio Tietê, em São Paulo, passando pelos rios Paraguai e Cuiabá, margeando a Argentina, o Paraguai e a Bolívia. Em séculos posteriores, esta foi a via de integração regional e nacional de Mato Grosso.

Ainda assim, o distanciamento com esses países foi crescente nos séculos seguintes.

Só em 1993, sob o patrocínio da FIEMT, em cooperação do Rotary Club Internacional, coordenada pelo diretor Serafim Carvalho Mello, uma caravana de dois ônibus levando 54 empresários, representantes do governo estadual e jornalistas, percorreu em 10 dias o trecho desconhecido entre Cuiabá e Arica e Iquique, no Chile, às margens do Oceano Pacífico.

Era a redescoberta da América dois séculos depois. Pretendia-se afirmar a possibilidade da integração regional por via terrestre, abrir perspectivas de conexões futuras e de um possível acesso de Mato Grosso aos portos do Oceano Pacífico. Naquele exato momento, o Estado entrava no ciclo da produção agrícola de larga escala e os seus setores primários, como a madeira, agregavam valor.

Mas, era importante, também, conhecer o ânimo de relacionamento existente entre os povos brasileiro, boliviano, chileno e peruano. A impressão foi muito boa e recíproca.

A viagem resultou na simplória descoberta de que era possível viajar-se de Cuiabá até o Oceano Pacífico por via terrestre.

A partir dali, intensificaram-se os contatos, principalmente com Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, decorrendo amplo intercâmbio comercial que se estruturou nos anos seguintes na importante Exposição Comercial e Industrial - Expocruz, na qual empresários e dirigentes públicos mato-grossenses visitaram no período que se seguiu, estabelecendo rodadas de negócios. As visitas mútuas consolidaram negócios comuns, abriram margem de comércio e iniciaram a política de integração regional com o Centro-Oeste Sul-Americano, formado pela Bolívia, Chile, Peru e Norte da Argentina.

Desde 1993, o intercâmbio foi marcado por eventos de integração comercial, de logística de transportes, de entendimentos políticos e culturais entre os países. Ora realizados nesses países, ora em Cuiabá, resultando no fortalecimento das relações e nas expectativas de crescentes intercâmbios.

Em abril de 1999, a FIEMT organizou uma segunda caravana de ônibus que percorreu 3.600 km entre Cuiabá

e Lima, no Peru. Viajaram empresários e dirigentes governamentais, com visitas de cortesia e de negócios na Bolívia, no Chile e no Peru.

Em 2002, Mato Grosso exportou as primeiras mil toneladas de açúcar para o Peru, por via terrestre em rota de 1.100 km. Em agosto de 2003, o Expresso Araçatuba conseguiu autorização para chegar até o norte do Chile, passando pela Bolívia. A empresa levou produtos de exportação para a Ásia, pelos portos chilenos de Arica e Iquique e projetou cerca de 40 viagens mensais nos 2.300 km, dos quais 600 foram na Bolívia.

Os eventos de integração intensificaram-se depois dessa nova viagem e as relações comerciais, diplomáticas e políticas mútuas cresceram muito. Incrementaram-se as rodadas de negócios entre empresários dos países e os de Mato Grosso, criando condições no meio empresarial para exportações. O governo do Japão chegou a sinalizar com a possibilidade de financiar a pavimentação de 510 km entre San Matias e San Javier, na Bolívia, orçada em US\$ 200 milhões, viabilizando a integração do Brasil com o Centro-Oeste Sul-Americano. Porém, questões de ordem financeira da Bolívia inviabilizaram a hipótese.

Em 2005, a Federação das Indústrias participou da 'Operação Estradeiro Internacional', promovida pelo governo de Mato Grosso, uma caravana via terrestre que percorreu desde Cuiabá até Lima, no Peru. Ao final, o governador de Mato Grosso, Blairo Maggi, considerou que o escoamento da produção estadual para o Oceano Pacífico esbarra nas rodovias perigosas e que não suportariam o fluxo de tráfego.

Como resultado da Expedição, Cuiabá sediou o Seminário Internacional de Infra-Estrutura Multimodal, que resultou na Carta de Cuiabá, uma proposta de esforço conjunto dos países pela integração. A FIEMT participou ativamente do seminário com a sua experiência pioneira de intercâmbio regional.

Concretamente, existem certezas claras dos países do Centro-Oeste Sul-Americano de que possuem mais em comum do que em contrário. A promessa da ALCA no futuro e a complementaridade do comércio regional determinam que se unam em defesa das suas economias, da cultura e da sua identidade regional, com benefícios mútuos.

O maior banco de informações sobre a integração Sul-Americana encontra-se na FIEMT desde a primeira expedição em 1993, e dos sucessivos encontros técnicos, políticos, comerciais e culturais realizados desde então nos quatro países e em Mato Grosso.

AGROINDÚSTRIAS PIONEIRISMO

Vai longe a lembrança das inesquecíveis usinas de açúcar do Rio Abaixo, que não só marcaram o início da industrialização de Mato Grosso, como foram referência de modernidade no fim do século 19, até a metade do século 20. Entre elas e os anos 1970, um longo vácuo marcou o surgimento do novo ciclo industrial.

Em 1976, a Sadia Oeste inaugurou a sua unidade de abate e frigorífico bovino em Mato Grosso. Confirmava o começo da industrialização em escala.

Nos 29 anos que se seguiram, a antevisão da industrialização do Estado se consolidaria definitivamente. A agroindústria seria a primeira resposta. A pecuária saía do Pantanal e alcançava os campos altos, a madeira deixaria de sair em toras para ser gradativamente industrializada, e a agricultura daria início ao ciclo da agregação de valor. Na esteira, a construção civil e a demanda por infra-estrutura.

O calendário do desenvolvimento da agroindústria se mede por alguns projetos como a instalação das cervejarias Brahma, Antarctica, Kayser e indústrias de refrigerantes.

O 'boom' da soja motivou a instalação de indústrias esmagadoras no Estado, produzindo óleo vegetal e farelo, abrindo espaços para o primeiro lugar nas exportações mato-grossenses. Primeiro a Ceval, depois a cadeia industrial ganha corpo. O arroz que surgira no cenário na década de 1970, amplia espaços e começa a agregar valor, embora mantenha-se em seguidos altos e baixos até os dias de hoje.

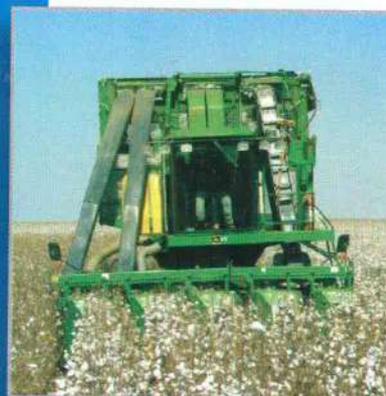
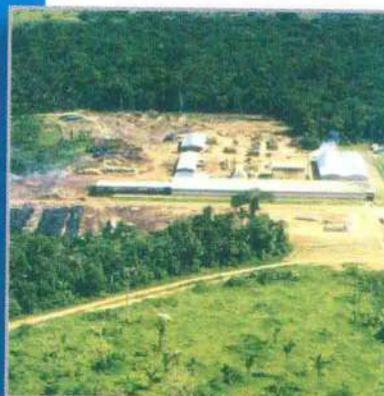
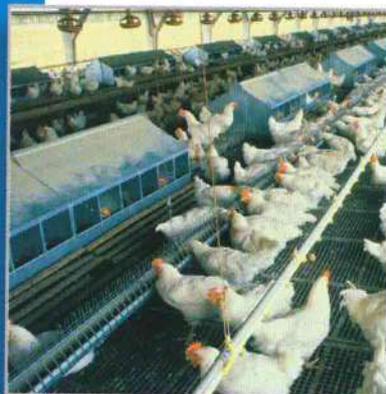
O algodão surgiu no fim da década de 90 e transforma o Estado no 1º produtor brasileiro, abrindo importante fase que ainda se encontra no começo, mas caminha para ampla agregação de valor da cadeia produtiva.

Os frigoríficos acompanham o crescimento da pecuária que, em 1979, tinha 2,5 milhões de cabeças e hoje (2005) está com 25 milhões, grande parte da carne destinada à exportação. No cenário, surgem os frigoríficos suínos, que abateram 800 mil cabeças em 2004 e avícolas com 66 milhões. Novas unidades da Sadia e da Perdigão abrem o horizonte para a produção e a industrialização em escala mundial, somando-se às já existentes em vários municípios.

O álcool transforma Mato Grosso no 3º produtor brasileiro, com 850 milhões de litros na safra 2004/2005, e o 6º em açúcar, com 567 milhões de toneladas, 70% destinadas à exportação.

No início, nos intervalos de todos os processos, a presença forte da FIEMT marcou-se por posições, reivindicações e questionamentos das políticas industriais.

Hoje o setor está representado na FIEMT por nove sindicatos: sindicato Intermunicipal das Indústrias de Alimentação - Siamt, sindicato das Indústrias Sucroalcooleiras - Sindalcool, sindicato das Indústrias de Alimentação de Barra do Garças, sindicato das Indústrias de Alimentação de Cáceres e Região, sindicato das Indústrias de Alimentação de Rondonópolis e Região Sul - Siar/Sul, sindicato das Indústrias de Frigoríficos - Sindifrigo, sindicato das Indústrias de Curtimento de Couros, Peles e Afins - Sincurt, sindicato das Indústrias de Laticínio - Sindilat e sindicato das Indústrias Químicas - Sindiquimi.





CONSTRUÇÃO CIVIL

Foi um setor que surgiu lentamente na esteira do desenvolvimento que chegava a Mato Grosso a partir da ocupação econômica acelerada depois dos anos 70.

Em 1982, o vice-presidente da Fiemt, João Barbuíno Curvo Neto, reconheceu o aumento das obras públicas em decorrência da divisão do Estado. O Banco Nacional de Habitação mantinha grande ritmo na construção de habitações populares e a construção civil aproveitava-se desse filão.

Nos anos seguintes, o setor vivenciou altos e baixos. Ora a crise econômica no país, ora as indefinições econômicas no próprio Estado. Os custos da construção civil sempre perseguiram Mato Grosso. O Sindicato das Indústrias da Construção Civil - Sinduscon, sempre teve atuação técnica e política marcante na condução da política nesse setor.

Embora existisse um déficit de 100 mil moradias no Estado em 2002, a demanda era crescente. Mas as obras públicas estaduais e federais têm sofrido constantes desacelerações, em grandes prejuízos à indústria da construção civil.

Ainda que em 2001 o SENAI e o Sinduscon tenham lançado o Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade no Habitat - PBQPH, para economizar materiais, aumentar a competitividade e melhorar aspectos da construção, o preparo técnico das empresas não bastou para reativar o setor.

Porém, a Caixa Econômica Federal passou a exigir o certificado nas operações com construtoras. Dezenove empresas tornaram-se aptas por receberem o certificado do PBQPH. A partir de setembro de 2002, a participação de construtoras em licitações públicas estava sujeita ao certificado PBQPH. Em 2002 fechou-se com 48 empresas certificadas.

Em 2004, o ambiente de obras já tomou razoável aceleração, mas o futuro será sempre instável, sujeito às variações da economia e recebendo seus reflexos diretos. A força do setor da construção está sua base sindical, representada por nove sindicatos: sindicato das Indústrias da Construção Civil - Sinduscon, sindicato das Indústrias Cerâmicas para Construção - Siccemt, sindicato das Indústrias da Construção Civil e do Mobiliário de Cáceres - Sinduscom, sindicato da Indústria da Construção Pesada - Sincop, sindicato das Indústrias do Gesso - Sindigesso e dos sindicatos de atividades conexas, com o sindicato da Construção, Geração, Transmissão e Distribuição de Energia Elétrica e Gás - Sincremat, sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Rondonópolis - Sindimer, sindicato Intermunicipal das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas de Manutenção Industrial e de Material Elétrico - Sindimec, sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Cáceres.

INDÚSTRIA MOVELEIRA COMPETITIVIDADE

O aproveitamento econômico da madeira em Mato Grosso demorou a chegar ao nível interno da industrialização de móveis. O início exigiu do Sindicato da Construção e do Mobiliário de Cuiabá pesquisa através do SENAI para o primeiro diagnóstico do setor madeireiro, em 1985.

Em setembro de 2002, o setor moveleiro registrou crescimento de 10% em relação aos dois anos anteriores. Ainda este ano, a realização da primeira edição do Promadeira, feira do setor de base florestal, que compreendeu também a Feira Internacional de Móveis, deu mais um impulso na produção regional.

Em fevereiro de 2003, o Sindimóvel, junto com o Sebrae-MT, começou a articular a formação de Núcleo de Inovação e Design a fim de preparar as empresas moveleiras do Estado para competir nos mercados nacional e internacional. O setor voltou a se reunir em workshop na FIENT para discutir a produção de móveis através de parcerias empresariais. Hoje, Mato Grosso tem 800 empresas, das quais 5% apenas são de grande porte. A preocupação é organizar a cadeia produtiva e construir uma marca para o Estado.

Os móveis de Mato Grosso começaram a aparecer em sucessivas feiras, incorporando qualidade e design e abrindo mercados graças aos esforços de inovações tecnológicas, diversificações, qualidade competitiva e o uso de madeiras tropicais. Essas ações foram impulsionadas em grande parte pela criação dos Arranjos Produtivos Locais - APL do setor moveleiro, com a ajuda do Sebrae, governo do Estado, SENAI e outras instituições, principalmente na região Norte de Mato Grosso (Alta Floresta) e Cuiabá e Várzea Grande.

Um longo caminho foi percorrido em curto período, desde os primeiros fabricantes até as novas indústrias espalhadas pelo Estado. O setor hoje está representado pelo sindicato das Indústrias de Laminados e Compensados - Sindilam, sindicato Intermunicipal das Indústrias do Mobiliário - Sindimóvel e pelo sindicato das Indústrias Moveleiras de Sinop e sindicato das Indústrias de Móveis do Norte - Simonorte.

INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO MODERNIZAÇÃO

Este foi um dos setores industriais que sofreram grandes transformações em curto tempo. Primeiro, surgiram indústrias pequenas voltadas à produção de uniformes profissionais, na década de 80. Evoluíram para o segmento da moda e buscaram a agregação de valor através do design e da mostra em grandes feiras nacionais. Chegaram mesmo a criar um distrito industrial do vestuário, em Cuiabá.

Em abril de 2003, o setor tinha 200 indústrias de confecção produzindo 6 milhões de peças/ano e gerando 3 mil empregos. O presidente da FIENT defendeu o estímulo à cadeia produtiva do algodão, porque as indústrias de confecção precisavam comprar matéria-prima fora do Estado.

Porém, a partir de 2004, com Mato Grosso despontando como principal produtor de algodão do país, a indústria do vestuário sofreu o impacto e exigiu a preparação de um plano estratégico envolvendo modernização, capacitação e qualificação da moda regional para mercados internos e externos.

Assim como aconteceu com o setor do mobiliário, a criação do Arranjo Produtivo Local - APL do setor do vestuário, em parceria com diversas instituições, como o SENAI, Sebrae e governo do Estado, foi e continua sendo mais um estímulo para a produção regional.



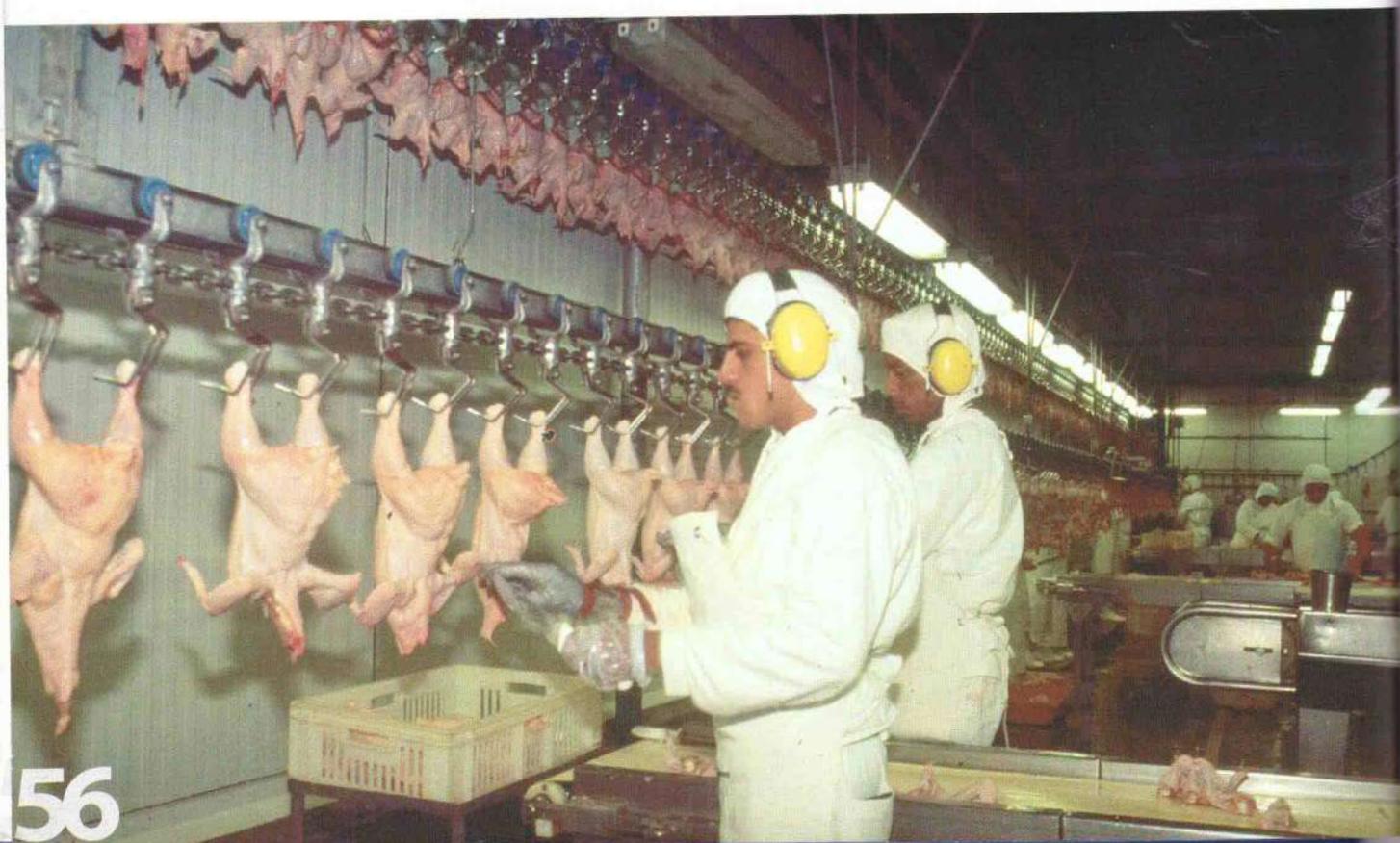
SEGURANÇA NO TRABALHO



Em fevereiro de 1997, através do Sesi e do Senai, a FIEMT deflagrou campanha de prevenção contra os acidentes de trabalho, começando pelo setor madeireiro, o recordista. Um terço dos acidentes de trabalho aconteciam nas indústrias de transformação. O Sesi deu início à implantação de programas de prevenção após levantamento dos acidentes registrados no Estado.

Na CNI, o presidente da FIEMT participou do lançamento da campanha nacional de prevenção de acidentes. No Estado, as empresas madeireiras compreendiam o esforço e aderiam ao programa. Dados levantados em 11 municípios pelo Projeto Vida - Programa de Segurança e Saúde no Trabalho, criado pela FIEMT/Sesi para prevenir acidentes no trabalho, mostraram que 1 em cada 10 pessoas que trabalham com a extração e o beneficiamento da madeira apresenta alguma mutilação. Eram 12% no Estado. Aumentou a consciência a respeito. Mais de 500 empresas foram visitadas no Norte de Mato Grosso. O projeto atingiu também empresas sucoalcoólicas.

Um ano depois o Projeto Vida mostrou redução nos acidentes e deixava uma lição de prevenção para o setor.



EXPORTAÇÕES A CONSOLIDAÇÃO

Mato Grosso ocupa em 2005, a 10ª posição no ranking dos Estados exportadores brasileiros, através dos sucessivos saltos iniciados a partir de 1993.

As exportações não se deram num único salto. Foi um processo cumulativo muito ligado ao setor industrial e ao agronegócio. Além, é claro, de ações de articulação técnica e política nas quais a FIENT também foi um dos mais ativos interlocutores. Por meio do seu Centro Internacional de Negócios - CIN, desde 1998, a FIENT acompanhou esse crescimento da balança comercial do Estado, inclusive incentivando e orientando as empresas para a exportação.

Em maio de 2002, a FIENT, o governo do Estado e o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio lançaram o 'Plano Especial de Exportações de Mato Grosso', visando ampliar e desconcentrar as exportações. Neste mesmo ano, começaram as atividades do Porto Seco em Cuiabá, no Distrito Industrial, um recinto alfandegado para a importação e exportação de produtos facilitando o acesso dos empresários ao mercado externo.

Em 2003, Mato Grosso começou a atingir firmemente mercados novos do Irã, China, Rússia e Marrocos, embora o complexo soja continuasse a dominar as exportações. O Oriente Médio foi o maior comprador de óleo de soja de Mato Grosso em 2002, e a Índia entrou com força no mesmo mercado importador. A China, tradicional compradora de óleo de soja começou a comprar só os grãos em 2002 para beneficiá-los diretamente. A China que era o quarto importador de Mato Grosso passou a segundo, incluindo a compra de madeiras. Em 2000, as compras eram de US\$ 44,9 milhões em 2001 foram de US\$ 70,6 milhões. Em 2002 foram de US\$ 156 milhões. Uma missão da China veio a Mato Grosso em janeiro de 2003 para conhecer o Estado e ampliar oportunidades de negócios. Eram empresários e representantes do governo chinês, para conhecer, principalmente, a soja. Mas o cenário era animador para a carne bovina, já que a China demandava 1 milhão de toneladas/ano.

Em março de 2003, inaugurou-se em Cuiabá uma filial da Câmara de Comércio e Indústria Brasil-China para abreviar de forma direta o comércio mútuo.

Em 7 de julho de 2003, uma comitiva russa visitou frigoríficos de Mato Grosso. Em 2002 a Rússia comprou pela primeira vez US\$ 11,9 milhões no Estado e tornou-se o segundo comprador. Em junho de 2003 a carne exportada somou de US\$ 36,2 milhões. Em 2002 foram US\$ 47,3 milhões.

Em 2003, frigoríficos suínos exportaram para Hong Kong e China.

No mesmo ano frigoríficos avícolas também exportaram à China.

Nos anos seguintes, as exportações de açúcar dobraram com a produção de 552 mil toneladas em 2004, das quais 70% destinadas à exportação. E em 2005, o bloco Oriente Médio aumentou importações de Mato Grosso em 461% comparadas com 2004. Foram US\$ 114 milhões, e a carne o principal produto. Ainda em 2004, 53,3% dos produtos exportados pelo Estado, receberam alguma agregação de valor, correspondendo a US\$ 1,65 bilhão.

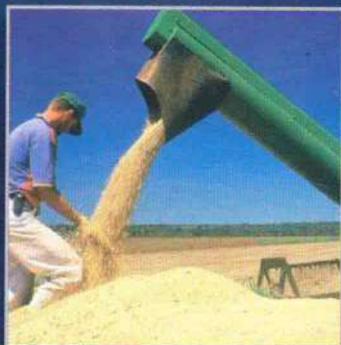
Mais uma vez o perfil econômico de Mato Grosso sofreu profundas transformações em curto espaço de tempo. E a FIENT foi interlocutora em todas as fases dos processos.

EXPORTAÇÕES DO ESTADO DE MATO GROSSO

ANOS	TOTAL US\$
1993	330 milhões
1994	466 milhões
1995	426 milhões
1996	659 milhões
1997	927 milhões
1998	652 milhões
1999	741 milhões
2000	1,033 bilhão
2001	1,395 bilhão
2002	1,795 bilhão
2003	2,186 bilhões
2004	3,102 bilhões
2005(*)	2,810 bilhões

(*) até agosto

FIENT - CIN - Centro Internacional de Negócios - dados elaborados



Mérito Industrial 'Júlio Müller'



Personalidades que já foram agraciadas com a Comenda do Mérito Industrial Júlio Müller, desde sua criação.

1985	Albano Pimentel do Prado Franco	Ex-governador de Sergipe, ex-senador e ex-presidente da Confederação Nacional da Indústria - CNI.
	Archimedes Pereira Lima	Jornalista e empresário fundador da primeira cervejaria de Mato Grosso, fundador do Jornal 'O Estado de Mato Grosso'.
1987	Enio Pipino	Empresário, colonizador da Região Norte de MT, fundador de várias cidades no Estado: Sinop, Vera, Cláudia e Carmem.
	José Garcia Neto	Ex-governador de Mato Grosso, instituiu o Programa de Industrialização no Estado.
	Olacyr Francisco de Moraes	Empresário do Grupo Itamarati e fundador da Ferronorte.
1988	Amaro de Assumpção Silva <i>(in memoriam)</i>	Mestre-de-obras da Construção Civil.
	Ariosto da Riva	Empresário, colonizador e fundador das cidades no Norte do Estado de Mato Grosso: Alta Floresta, Paranaíba e Apiacás.
	Atílio Francisco Xavier Fontana	Empresário, fundador do Grupo Sadia e responsável pela vinda da empresa para Mato Grosso.
1990	João Barbuíno Curvo Neto <i>(in memoriam)</i>	Empresário e um dos fundadores da Federação das Indústrias no Estado de Mato Grosso.
	Otacílio Borges Canavarros	Fundador e 1º presidente da FIEMT.
	Ueze Elias Zahran	Empresário do Grupo Zahran com atuação em Mato Grosso através da 1ª engarrafadora e distribuidora de Gás e Implantação do 1º Canal de Televisão TVCA.
1992	Alcyr Boris de Sousa Meira	Ex-presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil - IAB Departamento do Pará e Ex-superintendente da SUDAM.
	Guilherme Freitas de Abreu Lima <i>(in memoriam)</i>	Empresário, fundador da 1ª Indústria de Grande Porte de Mato Grosso MATOVEG-Indústria de Óleos Vegetais.
	Leão Asvolinsque	Empresário, pioneiro no setor Madeireiro/Moveleiro de MT.
1998	Dante Martins de Oliveira	Ex-deputado federal, Ex-ministro da Reforma Agrária e governador do Estado de Mato Grosso.
	Karl Veit <i>(in memoriam)</i>	Empresário, responsável pela implantação de um novo ciclo na área madeireira, através da exportação, e introdutor do reflorestamento comercial em MT de essências de ciclo longo.
	Lourival Tomelim	Empresário, pioneiro na exploração da atividade madeireira no Norte do Estado, na cidade de Sinop.
1999	Firmino Ferreira Sampaio Neto	Presidente da ELETROBRÁS Centrais Elétricas Brasileiras S/A.
2000	Carlos Eduardo Moreira Ferreira	Deputado federal/SP e ex-presidente da FIESP, presidente da CNI, em exercício desde 03/09/99.
	Fernando Luiz Gonçalves Bezerra	Senador/RN, presidente da Confederação Nacional da Indústria, ocupou o cargo de ministro de Estado da Integração Nacional.
	João Nicolau Petroni	Empresário, presidente da Barralcool-Usina da Barra S/A, vice-presidente FIEMT e presidente do Sindalcool.
2005	Alexandre H. Coelho de Souza Furlan	Empresário, presidente licenciado da FIEMT e secretário de Estado de Indústria, Comércio, Minas e Energia.
	Blairo Borges Maggi	Empresário do setor agroindustrial, governador do Estado de Mato Grosso.
	Erno Reschke	Empresário do setor Metalúrgico.
	Itamar Marcondes Filho <i>(in memoriam)</i>	Empresário do setor da Construção.
	Luiz Fernando Furlan	Ministro de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.
	Públio Paes de Barros	Empresário do setor Gráfico, sendo um dos fundadores da FIEMT.

1ª DIRETORIA DA FIEMT Posse: 29 de novembro de 1976

Eleita pelo Conselho de Representantes, no dia 21 de setembro de 1976, em reunião realizada no Auditório do SENAC, à Rua Senador Jessé Pinto Freire, foi assim constituída:

Presidente:	Otacílio Borges Canavarros
1º Vice-Presidente:	Archimedes Pereira Lima
2º Vice-Presidente:	Luiz Piassa Sobrinho
Diretor Secretário:	Ézio Francisco Calábria
Diretor Tesoureiro:	Públio Paes de Barros
Suplentes:	Moulard Herculano da Costa, Leopoldo Mário Nigro, Althair Gugelmin, Milton Insuela Pereira, João Marcos Dolabani

CONSELHO FISCAL

Efetivos:	Atílio Grísólia Filho, Renato Curvo, Agenor Helene
Suplentes:	Alfredo Guimarães Vieira, Paulo César Cestari, Agnelo da Silva

SENAI

Presidente Conselho Regional do SENAI	Otacílio Borges Canavarros
Efetivos	Nilton Villela Vieira, João Barbuíno Curvo Neto, José Eduardo Guimarães

DELEGADOS REPRESENTANTES JUNTO À CNI

Efetivos:	Otacílio Borges Canavarros, Archimedes Pereira Lima
Suplentes:	Ézio Francisco Calábria, Luiz Piassa Sobrinho

1º CONSELHO DIRETOR REGIONAL DO INSTITUTO EUVALDO LODI - IEL Instalado oficialmente a 28 de setembro de 1978

Efetivos	Otacílio Borges Canavarros João Barbuíno Curvo Neto Salvador Albuquerque Nunes
Suplentes	Ivo Cuiabano Scaff Gabriel Garcia Lopes

SINDICATOS DAS INDÚSTRIAS DE MATO GROSSO EM 1975

N.	Nome do Sindicato	Ano de Criação	Base Territorial	Presidente
1	Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário	05.10.1971	Cuiabá e Várzea Grande	Otacílio Borges Canavarros
2	Sindicato das Indústrias da Panificação e Confeitaria de Cuiabá	16.07.1974	Cuiabá, Alto Paraguai, Barra do Bugres, Cáceres, Dom Aquino, Nortelândia, Poconé, Poxoréo, Rondonópolis, Rosário Oeste, Santo Antonio do Leverger e Várzea Grande	Alfredo Guimarães
3	Sindicato das Indústrias de Alimentação de Cuiabá	21.03.1975	Cuiabá e Várzea Grande	Archimedes Pereira Lima
4	Sindicato das Indústrias Gráficas de Cuiabá	31.03.1975	Cuiabá	Públio Paes de Barros
5	Sindicato das Indústrias de Alimentação de Corumbá	1975	Corumbá	Luiz Piassa Sobrinho

DIRETORIA DA FIEMT Empossada em 22/10/1979

Presidente:	Otaclílio Borges Canavarros
Vice-presidentes:	João Barbuíno Curvo Neto, Leopoldo Mário Nigro, Gerson Dalcanale, Célio Goertz Xavier (*), Althair Gugelmin, Luiz Flávio Veit (*), Reinhard Ramminger (*), Antonio Carlos Melnec (*)
1º Secretário:	Moulard Herculano da Costa
2º Secretário:	Benedito Maciel da Cruz Filho
1º Tesoureiro:	Públio Paes de Barros
2º Tesoureiro:	Delvayr Bottura Ari Wojcik (*)
Superintendente da FIEMT:	Aldo Pascoli Romani
Coordenador CTS:	Ney Mussa de Moraes (*) José Carlos Viegas Benedito Zacarias da Silva (*)
Assessor Jurídico:	José Carlos D'Oliveira Paes
Assessor do Presidente:	Antonio Carlos Alvim Penna
Suplentes:	Salvador Albuquerque Nunes, Luiz Carlos Lomba de Mello, Bruno Bianchi, Agnelo da Silva, Lázaro Guimarães, Edmundo Carvalho
Conselho Fiscal Efetivos:	Alexandre Albizzati, Gabriel Garcia Lopes, Alfredo Yutaka Takesawa, Carlos Antonio de Borges Garcia (*), Edmundo de Carvalho (*)
Suplentes:	Atílio Grisólia Filho, Luiz Gonzaga Barros, Arthur Waldir Anffe
SESI	
Diretor Regional:	João Barbuíno Curvo Neto Otaclílio Borges Canavarros (*) Leopoldo Mário Nigro (*)
Superintendente:	Benedito Frederico Josetti Dorilêo
SENAI	
Presidente do Conselho Regional:	Leopoldo Mário Nigro
Superintendente:	Sergio Pascoli Romani
IEL	
Diretor Regional:	Otaclílio Borges Canavarros João Barbuíno Curvo Neto (*) Tânia Fátima Amiden Martins
Superintendente:	José Humberto Ferreira da Silva (*)

(*) - substituição

DIRETORIA DA FIEMT Empossada em dezembro de 1988

Presidente:	Ari Wojcik
Vice-presidente:	Célio Goertz Xavier
Vice-presidentes:	Carlos Antonio de Borges Garcia, Alberto Luz Filho, Alfredo Clélio de Paula Correaa, Luiz Maria Salomoni, Waldemar Antonioli
1º Secretário:	Delvayr Bottura
2º Secretário:	Leogínio Rabello Machado
1º Tesoureiro:	Alcindo Rodrigues de Moraes
2º Tesoureiro:	Nereu Luiz Pasini
Conselho Fiscal	Roberto Oliveira Hor-Meyll, Alfredo Yutaka Takesawa, João Nicolau Petroni
SESI	
Diretor Regional:	Ari Wojcik
Superintendente:	Benedito Frederico Josetti Dorilêo
SENAI	
Diretor Regional:	Ari Wojcik
Diretor Regional:	Sérgio Pascoli Romani(*)
IEL	
Diretor Regional:	Ari Wojcik
Superintendente:	José Humberto Ferreira da Silva

(*) - substituição

DIRETORIA DA FIENTM Empossada em 1994

Presidente:	Carlos Antonio de Borges Garcia
1º Vice-presidente: Vice-presidentes:	Wagner Pereira Bosi Alexandre Herculano Coelho de Souza Furlan, João Antonio Martins Garcia, Carlos Avalone Júnior, Waldemar Antonioli, Carlos Roberto Kistner, Gentil Sergio Alves do Amaral, Guiomar Weiler, Adilson Domingos dos Reis
1º Secretário: 2º Secretário: 1º Tesoureiro: 2º Tesoureiro: Diretor:	Serafim Carvalho Melo Elias Correia Pedrozo Alcindo Rodrigues de Mores Manuel Perez Santana Antonio Caudedir Lamana, Luiz Flávio Veit, Helmut Hollatz, Vilmar José Berté, Nereu Luiz Pasini, João Agripino da Silva, Eliacy Arruda Jaudy de Araújo
Suplentes	Anastácio Barbosa da Costa, Arnaldo Luiz Zafonato, Heitor Trentin, Luiz Carlos Rodrigues, Rogério Silveira, Cleverson Cabral, Delvayr Bottura, Alviar Rother, Luiz Maria Salamani, Sidinei Aparecido Giraldeili, Mário Silvestrin Guimarães, Cássio Julian Masingnan, Gaspar Luiz Zambiazzi, Jandir José Milan, Maria Selma Defanti Silva, José Nesello, Oswaldecir José Lavrador, Leogínio Rabelo Machado, Nicolau Zaiden Neto, Júlio César Parreira Duarte, Marcionílio Macedo Neto
Conselho Fiscal	
Efetivos Suplentes	João de Souza Vieira Filho, Raul Gabriel Dias Filho, Gilberto Gomes de Figueiredo Mario Signori, Alfredo Augusto Macedo Neto, Rômulo Araújo
FIENT Superintendente:	José Epaminondas Mattos Conceição
SESI Superintendente:	Benedito Francisco Josetti Dorilêo
IEL Superintendente:	Ilson Fernandes Sanches Henrique Aquino Filho (*)
SENAI Diretor Regional:	Sergio Pascoli Romani Arthur Louro Guimarães (*)

DIRETORIA DA FIENTM Empossada em novembro de 2000

Presidente:	Alexandre Herculano Coelho de Souza Furlan
1º Vice-presidente: Vice-presidentes:	Nereu Luiz Pasini João Nicolau Petroni, Luiz Antonio Martins Garcia, Gentil Sérgio Alves do Amaral, Adilson Domingos dos Reis, Jandir José Milan, José Antonio de Mesquita, Carlos Avalone Júnior, Liane Elidia Zeni, Oscar Soares Martins
1º Secretário: 2º Secretário: 1º Tesoureiro: 2º Tesoureiro:	Jorge Luiz Martins Defanti José Swami Rodrigues Heitor Trentin Elias Correia Pedrozo
Diretores:	Antonio Plínio Sandman, Delmo Lima Albres, Eliacy Arruda Jaudy de Araújo, Marco Antonio Lorga, Sidinei Aparecido Giraldeili, Anildo Lima Barros, Renato José de Almeida Costa
Suplentes:	Júlio César Parreira Duarte, Cintia Cristina Ticianelli, Luis Flávio Veit, José Adalberto Sguarezzi, Marcionílio Macedo Neto, Sidinei Ari Bellincanta, João Carlos Baldasso, Paulo Pereira Fiúza Filho, Luiz Maria Salamoní, Clomir Bedin, Rômulo de Araújo, Luiz Antonio Freitas Martins, Adilson Valera Ruiz, Ednilson Luiz Falitta, Carlos Garcia Bernardes, Cleverson Cabral, Jan Cezar de Arruda Asckar, João Bosco de Domenico, Mauro Mendes Ferreira, Miguel Domingos de Avena Foco, Djalma Rodrigues Carneiro Melo, Divino Gonçalves dos Santos
Conselho Fiscal Suplentes:	João Agripino da Silva, Alceu Gondro, José Nesello Helmut Hollatz, João de Souza Vieira Filho, Carlos Antonio de Borges Garcia

...continua

...continua

FIEMT

Superintendente:
Tecnologia e Política Industrial: José Epaminondas Mattos Conceição
Antonio Carlos Machado Matias (*)
Diretor Executivo do Sistema FIEMT Celso Pereira da Silva
Assessor Institucional Eduardo Balduino Machry

SESI

Superintendente: Sergio Pascoli Romani

IEL

Superintendente: Sergio Pascoli Romani (*)
Celso Pereira da Silva

SENAI

Diretor Regional: Wagner Andrade Gouvea
Gilberto Gomes de Figueiredo (*)

(*) substituição

DIRETORIA DA FIEMT Empossada em dezembro de 2003

Presidente: Alexandre Herculano Coelho de Souza Furlan (*)
Presidente: Nereu Luiz Pasini (**)
Vice-presidentes: Paulo Pereira Fiúza Filho, Helmut Hollatz, Edgar Teodoro Borges, Jandir José Milan, José Carlos Job,
José Antonio de Mesquita, Carlos Avalone Júnior, Oscar Soares Martins, Mauro Mendes Ferreira

1º Secretário: Jorge Luiz Defanti
2º Secretário: Luiz Antonio Martins Garcia
1º Tesoureiro: Heitor Trentin
2º Tesoureiro: Elias Correia Pedrozo

Diretores: Luiz Mauro Pinto Oliveira, Anildo Lima Barros, Liane Elídia Zeni, Piero Vincenzo Parini,
Sidnei Ari Bellincanta, Edson Ari Hack, Marco Antonio Lorga

Suplentes: Marcionílio Macedo Neto, Cleverson Cabral, João Agripino da Silva, Eustáquio Machado Miranda,
Cláudio José da Silva, Jairo Francisco Miotto Ferreira, Isaías de Oliveira, Sérgio Juster Zilling,
Ademir Gallina, João de Souza Vieira Filho, Sidinei Aparecido Giraldeili, Clomir Bedin,
Divino Gonçalves dos Santos, Wilmar José Franzner, Paulo Cabral de Moraes, Júlio César Parreira Duarte,
Cláudia de Oliveira Fagotti, Mauro Feronato, Admilson Manoel Ettore Queiroz,
Glildo Mota da Silva, Marcos Brita, Elisângela Sanches F. de Almeida

Conselho Fiscal: Adilson Valera Ruiz, Cíntia Cristina Ticianelli, Luiz Carlos Rodrigues
Suplentes: Carlos Antonio de Borges Garcia, Carlos Vitor Bona, João Carlos Baldasso

Delegados representantes na CNI: Alexandre Herculano Coelho de Souza Furlan, Carlos Antonio de Borges Garcia
Suplentes: Anildo Lima Barros, Nereu Luiz Pasini

FIEMT

Superintendente: Celso Pereira da Silva
Jorge dos Santos (***)
Assessor Institucional: Eduardo Balduino Machry

SESI

Superintendente: Sergio Pascoli Romani
Luiz Augusto Moreira (***)

SENAI

Delegado Regional: Gilberto Gomes de Figueiredo

IEL

Superintendente: Celso Pereira da Silva
Jorge dos Santos (***)

(*) Presidente licenciado a partir de 1º de janeiro de 2003 para assumir o cargo de secretário de Indústria, Comércio, Mineração, Minas e Energia do Governo de Mato Grosso
(**) 1º Vice-presidente assumiu a Presidência em virtude do licenciamento do presidente Alexandre Herculano Coelho de Souza Furlan
(***) substituições

CONSELHOS TEMÁTICOS DA FIEMT EM 2005

Conselho Temático	Coordenador
Infra-Estrutura – COINFRA	Anildo Lima Barros
Integração Internacional - COINI	Serafim Carvalho de Melo
Desenvolvimento Industrial e Regional - CODIR	Carlos Avalone Júnior
Relações do Trabalho e Desenvolvimento Sindical	Márcia Borges
Meio Ambiente - CONTEMA	Cleverson Cabral
Assuntos Legislativos – COAL	Sérgio Ricardo Inoui
Econômico e Tributário	Jorge dos Santos

Fonte: (ATA DA 286ª REUNIÃO ORDINÁRIA DA DIRETORIA DA FIEMT, 28.06.2005).

SINDICATOS FILIADOS À FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS NO ESTADO DE MATO GROSSO 2005

SINDICATO INTERMUNICIPAL DAS INDÚSTRIAS DA ALIMENTAÇÃO NO ESTADO DE MATO GROSSO - SIAMT
Presidente: Marco Antonio Lorga

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS SUCROALCOOLEIRAS DO ESTADO DE MATO GROSSO - SINDALCOOL
Presidente: Piero Vincenzo Parini

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE EXTRAÇÃO DO CALCÁRIO DO ESTADO DE MATO GROSSO - SINECAL
Presidente: Serafim Carvalho Melo

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS EXTRATIVAS DE MINÉRIOS DO ESTADO DE MATO GROSSO - SINDIMINÉRIO
Presidente: Antonio Carlos Machado Matias

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS GRÁFICAS DO ESTADO DE MATO GROSSO - SIGEMT
Presidente: Lídio Moreira dos Santos

SINDICATO INTERMUNICIPAL DAS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS, MECÂNICAS DE MANUTENÇÃO INDUSTRIAL E DE MATERIAL ELÉTRICO DO ESTADO DE MATO GROSSO - SINDIMEC
Presidente: Heitor Trentin
Presidente em exercício: Márcia Olentina Borges

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE PANIFICAÇÃO E CONFEITARIA DO ESTADO DE MATO GROSSO - SINPAN
Presidente: Ovílce Maria Martins

SINDICATO INTERMUNICIPAL DA INDÚSTRIA DE REPARAÇÃO DE VEÍCULOS E ACESSÓRIOS DO ESTADO DE MATO GROSSO - SINDIREPA
Presidente: Elias Correia Pedrozo

SINDICATO DA CONSTRUÇÃO, GERAÇÃO, TRANSMISSÃO E DISTRIBUIÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA E GÁS NO ESTADO DE MATO GROSSO - SINCREMAT
Presidente: Air Bom Despacho e Silva

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE LAMINADOS E COMPENSADOS DO ESTADO DE MATO GROSSO - SINDILAM
Presidente: César José Mazon

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DA CONSTRUÇÃO DE MATO GROSSO - SINDUSCON
Presidente: Adilson Ruiz Valera

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS CERÂMICAS PARA CONSTRUÇÃO DO ESTADO DE MATO GROSSO - SICCEMT
Presidente: Vanderlei Simi

CONSELHOS TEMÁTICOS E SINDICATOS FILIADOS

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DO VESTUÁRIO DO ESTADO DE MATO GROSSO - SINVEST
Presidente: Cláudia Oliveira Fagotti

SINDICATO INTERMUNICIPAL DAS INDÚSTRIAS DO MOBILIÁRIO DO ESTADO DE MATO GROSSO - SINDIMOVEL
Presidente: Jandir José Milan

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS MADEIREIRAS DO NOROESTE - SIMNO
Presidente: Geraldo Bento

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS MADEIREIRAS DO NORTE DO ESTADO DE MATO GROSSO - SINDUSMAD
Presidente: Jaldes Langer

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS MADEIREIRAS DO VALE DO ARINOS - SIMAVA
Presidente: Carlos Pereira Azóia

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DA ALIMENTAÇÃO DE BARRA DO GARÇAS - SIA/Barra do Garças
Presidente: Sérgio Juster Zilling

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DA CONSTRUÇÃO E DO MOBILIÁRIO DE CÁCERES - SINDUSCOM
Presidente: Fernando Mesquista Xavier

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS, MECÂNICAS E DE MATERIAL ELÉTRICO DE CÁCERES - SINDIMEC
Presidente: Maria Zélia de Toledo Oliveira

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DA ALIMENTAÇÃO DE CÁCERES E REGIÃO - SIA/Cáceres
Presidente: Alcides Messias Bisinoto

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DA CONSTRUÇÃO E MOBILIÁRIO DA REGIÃO SUL DO ESTADO DE MATO GROSSO - SINDUSCON-SUL/MT
Presidente: Elias Mansur

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DA ALIMENTAÇÃO DE RONDONÓPOLIS E REGIÃO SUL DO ESTADO DE MATO GROSSO - SIAR/SUL/MT
Presidente: Mauro Cabral de Moraes

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS, MECÂNICAS E DE MATERIAL ELÉTRICO DE RONDONÓPOLIS - SINDIMER
Presidente: Edson Ari Hack

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE MÓVEIS DO NORTE DE MATO GROSSO - SIMONORTE
Presidente: Mauro Feronato

SINDICATO DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO PESADA DO ESTADO DE MATO GROSSO - SINCOP- MT
Presidente: Edgar Teodoro Borges

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DO GESSO NO ESTADO DE MATO GROSSO - SINDIGESSO
Presidente: Gilmar Gonçalves Cardoso

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS MADEIREIRA DO MÉDIO NORTE NO ESTADO DE MATO GROSSO - SINDINORTE
Presidente: Paulo Roberto Seelend

SINDICATO DOS MADEIREIROS DO EXTREMO NORTE DE MATO GROSSO - SIMENORTE
Presidente: Augusto Francisco dos Passos

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE FRIGORÍFICOS DO ESTADO DE MATO GROSSO - SINDIFRIGO
Presidente: Milton Luis Bellincanta

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE CURTIMENTO DE COURO, PELES E AFINS DO ESTADO DE MATO GROSSO SINCURT/MT
Presidente: Marcelo Paes de Barros

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE LATICÍNIO DO ESTADO DE MATO GROSSO - SINDILAT/MT
Presidente: Arnaldo da Silva Alves Filho

SINDICATO DOS MADEIREIROS DE SORRISO - SIMAS-MT
Presidente: Clomir Bedin

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS DE MATO GROSSO - SINDIQUIMI/MT
Presidente: Joaquim Augusto Curvo

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS MOVELEIRAS DE SINOP/MT

AGRADECIMENTOS

À Diretoria do Sistema CNI, e os respectivos Departamentos Nacionais do SESI, SENAI e IEL;

Ao apoio sempre presente das instituições representativas do País e do Estado de Mato Grosso;

Aos nossos parceiros e fornecedores;

A todos os empresários industriais, que compuseram as diretorias da FIEMT e ou de alguma forma doaram parte do seu tempo e de sua vida ao ideal da Federação das Indústrias;

E aos colaboradores do Sistema, que construíram e continuam construindo a história de nossa Instituição.

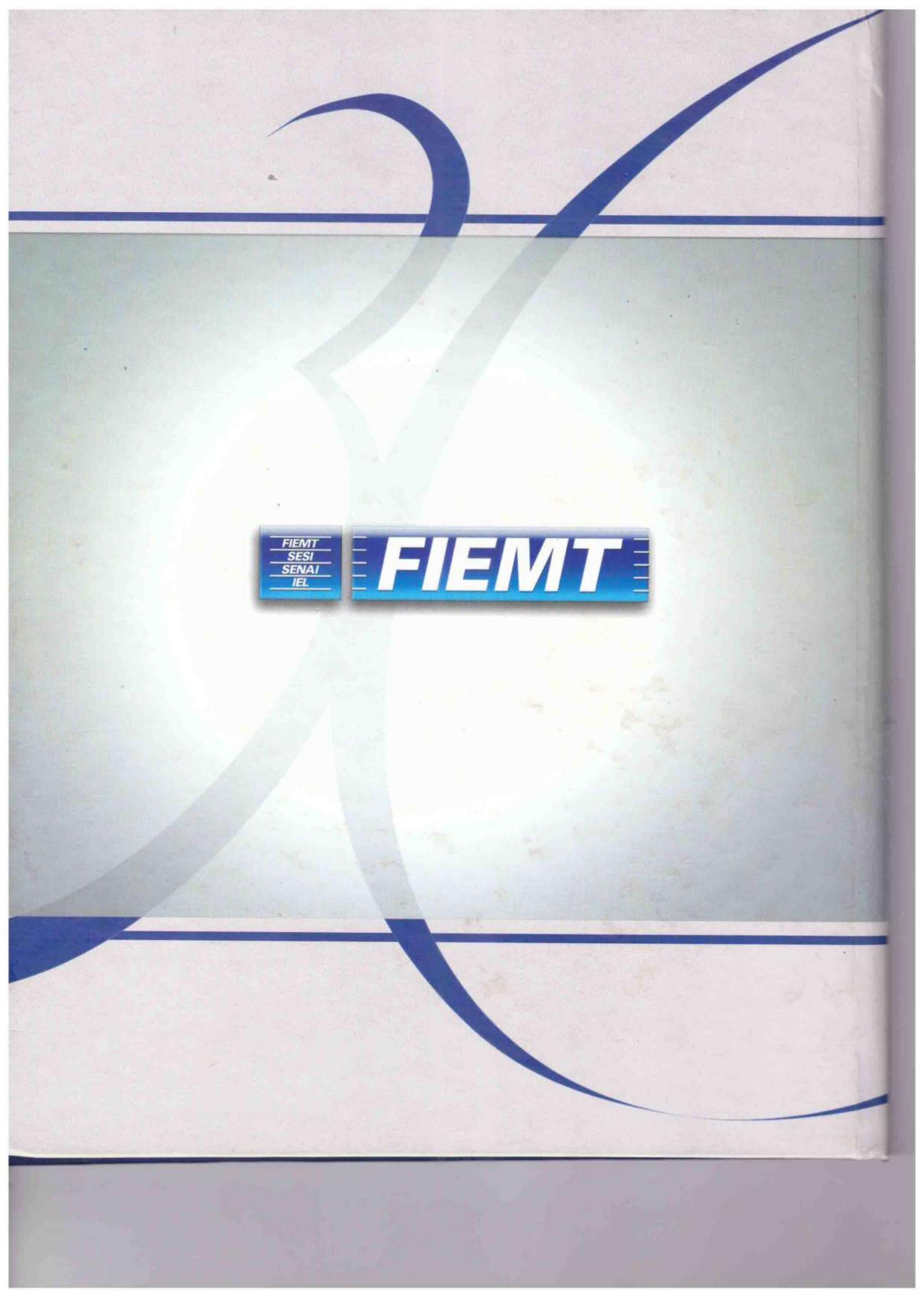


www.fiemt.com.br

Este livro foi impresso pela Gráfica Defanti,
utilizando-se no projeto gráfico a fonte
Myriad Roman sobre papel couche fosco
suzano 150 gr/m² e na capa papel couche
fosco suzano 170 gr/m² com laminação
BOPP e verniz localizado.

Cuiabá - MT, novembro de 2005.

 **Defanti**
Gráfica Editora Embalagens
(65) 3627.6610

The image shows a book cover with a light blue and white background. A large, stylized, light blue graphic resembling a '3' or a similar symbol is centered on the cover. Two horizontal blue lines cross the cover, one above and one below the central graphic. In the center, there is a blue rectangular logo with white text. The logo is divided into two parts: the left part contains the text 'FIEMT', 'SESI', 'SENAI', and 'IEL' stacked vertically, and the right part contains the word 'FIEMT' in a large, bold, italicized font.

FIEMT
SESI
SENAI
IEL

FIEMT